



MIGUEL RAMOS

KA' A XIMORER
...
A FUMAÇA QUE SAI DO MATO

Meus cadernos de Viagem II
De quando eu passei pela Terra dos Tembê do Gurupi



TRÓPICO em
MOVIMENTO

Programa Trópico em Movimento

KA'A XIMORER

A FUMAÇA QUE SAI DO MATO

Meus cadernos de Viagem II

De quando eu passei pela Terra dos Tembê do Gurupi

Belém

2023



Universidade Federal do Pará

Reitor: Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitor de Administração: Raimundo da Costa Almeida

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Profa. Dra. Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof^a. Dra. Maria Iracilda da Cunha Sampaio

Pró-Reitor de Extensão: Prof. Dr. Nelson José de Souza Júnior

Pró-Reitora de Relações Internacionais: Prof. Dr. Edmar Tavares da Costa

Pró-Reitora de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal: Ícaro Duarte Pastana

Pró-Reitora de Planejamento: Cristina Kazumi Nakata Yoshino

Prefeitura: Prof. Dr. Eliomar Azevedo do Carmo

Procuradoria Geral: Fernanda Ribeiro Monte Santo

Programa Trópico em Movimento

Thomas A. Mitschein – Coordenador

Sérgio Nunes – Vice Coordenador

Comissão Editorial

Nazaré Imbiriba (Coordenadora)

Sérgio Nunes da Silva

Miguel Ramos da Silva

Denise Machado

Projeto Gráfico Capa - Igor Aviz

Editoração - Erika Estumano

Fotografia Capa e Livro: Miguel Ramos

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Central/UFPA-Belém-PA**

R175k Ramos, Miguel
Ka'a ximorer a fumaça que sai do mato [recurso eletrônico] : meus cadernos de viagem II de quando eu passei pela Terra dos Tembê do Gurupi / Miguel Ramos. — Dados eletrônicos. — Belém : Programa Trópico em Movimento, 2023.

Modo de acesso:
ISBN 978-65-00-61862-4

1. Índios Tembê – Gurupi, Rio (MA e PA). 2. Povos indígenas – História – Amazônia. I. Título.

CDD 23. ed. – 980.411

Elaborado por Adna Pereira Dias – CRB-2/1453

KA`A XIMORER

A FUMAÇA QUE SAI DO MATO

Miguel Ramos

AGRADECIMENTO

Agradeço a todos os amigos Tembé do Gurupí pela acolhida e pela bondade de permitir que eu aprendesse e vivenciasse o seu dia a dia e as suas preocupações com o presente e com o futuro.

OFEREÇO A:

Edson Berbary

Edilson Matos

Marilene Xavier

Silvana Allodi

Thayze Matos, Karen Tavares, Camila Da Silva e Fabrice Rameaux – mães e pai dos meus netos e netas.

Thierry Valentin

Françoise Valentin

Christiane Rameaux

Jean Rameuax (*in memoriam*) e Yves Valentin que certamente me fariam companhia nessa viagem.

Raimundo Nonato Soares

Maria Vilani Soares

O AUTOR



MIGUEL RAMOS

Biólogo pela Universidade Federal do Pará (UFPA)

Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Doutor pela Universidade Trás Os Montes e Alto D'Ouro (UTAD), Portugal

Os castelos medievais quase sempre tinham um fosso cheio de água que dificultava a entrada daqueles que fossem indesejados. Do mesmo modo, para se chegar até a aldeia TEKOHAW tivemos que atravessar uma ponte feita com troncos de árvores de diâmetro avantajado, dispostas no sentido longitudinal sobre um igarapé bastante largo, seco ainda nesta época do ano, mas que com certeza em tempos mais chuvosos teria um volume de água considerável. Um fosso medieval nesta época, neste lugar.

Miguel Ramos

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
VIAGEM AO GURUPI EM JANEIRO DE 2010	21
PARAGOMINAS	21
REUNIÃO EM PARAGOMINAS	22
REUNIÃO NO GABINETE DO PREFEITO DE PARAGOMINAS NO DIA 15 DE JANEIRO DE 2010.	26
DIA 16 DE JANEIRO DE 2010.....	27
MERENDINHA.....	31
ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS TEMBÉ DO RIO GURUPI.....	34
ALDEIAS PRINCIPAIS COM AS ALDEIAS SOB SUA INFLUENCIA	35
AUTORIDADES DAS DIVERSAS ALDEIAS DO RIO GURUPI.....	35
ALDEIA CAJUEIRO	37
SUÇUARANA	43
ALDEIA ARARUNA	45
ALDEIA KA'APOR SÍTIO NOVO.....	47
ALDEIA FAVEIRA	49
ALDEIA FLORIANO	51
ALDEIA TEKOHAW	53
ALDEIA IKATU.....	59
ALDEIA CANINDÉ.....	61
ALDEIA BATE VENTO.....	67
REUNIÃO NA ALDEIA CAJUEIRO	69

AINDA NA ALDEIA CAJUEIRO	72
EM DIREÇÃO A CANINDÉ	72
REUNIÃO NA ALDEIA CANINDÉ	73
REUNIÃO NA ALDEIA TEKOHAW DIA 18 DE JANEIRO DE 2010.....	79
SEGUNDA ENTRADA PARA AS ALDEIAS DO GURUPI.	87
REUNIÃO NA ALDEIA TEKOHAW NO DIA 30 DE JANEIRO DE 2010	87
EDUCAÇÃO INDIGENA	107
SAÚDE	115

APRESENTAÇÃO

A PRESERVAÇÃO DOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS E A PROPOSTA DO REDD

Em seu estudo clássico sobre "A Integração das Populações Indígenas no Brasil Moderno" Darcy Ribeiro (1993) aponta três atitudes que caracterizam a inter-relação entre as etnias tribais e a sociedade nacional: a etnocêntrica, a absenteísta e a romântica. A primeira, defendida tradicionalmente pelos missionários da Igreja Católica, entende os índios como seres primitivos que, ao cultivarem costumes como poligamia, antropofagia, nudez etc., representam uma "vergonha para um povo civilizado" (ibid. p. 193) e, por esta razão, devem ser forçados a se adaptar aos modos de vida da cultura dominante.

"Assumem, também, esta atitude, os interessados nos índios como mão-de- obra ou na espoliação das terras que eles ocupam, argumentando que, em suas mãos, esses recursos seriam melhor utilizados do ponto de vista do progresso do país."(ibid. p. 193)

A segunda está ancorada numa visão que encara "a extinção do índio como etnia" como resultado inevitável do avanço da modernização da economia nacional, defendendo, inclusive, o princípio de que os seus remanescentes devem receber o mesmo tratamento como os brasileiros que vivem em condições de "penúria e ignorância" (ibid., p. 194) porque "somente juntos, índios e camponeses, se redimirão, um dia, da situação de miséria em que se encontram." (Ibid).

E a terceira, na tradição de Cândido Rondon, concebe os "índios como gente bizarra, imiscível na sociedade nacional que deve ser conservada com as s características originais" (ibid.) exigindo por parte do Estado a implementação de medidas que preservem as culturas tribais.

Porém, enquanto as duas primeiras atitudes simplesmente se abstraem do fato de que os indígenas estão sujeitos a um processo de "conjunção da cultura tribal com a

sociedade nacional que pode conduzi-los a um colapso, por perda de gosto de viver, desespero diante do destino que lhes é imposto, seguido de desmoralização e extinção" (ibid. p. 195), a terceira, mesmo tendo sido criticada de privar os silvícolas dos seus direitos de cidadão, "garante aos índios a liberdade de permanecerem índios e deixarem de sê-lo, quando as condições sociais o permitam e quando eles vejam vantagem em assumir a condição do brasileiro comum." (ibid. p. 207).

No entanto, por mais que a Constituição brasileira de 1988 tenha reconhecido explicitamente o direito dos índios ao usufruto de suas terras, se considerarmos que, devido ao avanço desordenado da fronteira estas mesmas terras estão sofrendo intensas agressões por parte de atores externos, como madeireiros, fazendeiros, trabalhadores sem-terra, garimpeiros, biopiratas ou rizicultores, e se levarmos em conta ainda que, diante de fatores como o emagrecimento de órgãos como a FUNAI, esta vulnerabilidade territorial não está sendo combatida com afinco e eficácia, neste caso cresce, para os índios, risco de serem integrados em números maiores à "massa de trabalhadores sem-terra, como seu componente mais indefeso e mais miserável" (Ibid.).

Trata-se de um quadro altamente problemático que, ao acelerar a erosão daquela liberdade dos indígenas, à qual se refere Darcy Ribeiro em sua mencionada publicação, coloca na pauta política a mobilização urgente de recursos técnico-financeiros que viabilizem a implementação de estratégias efetivas de proteção dos territórios tribais.

E a partir daqui entra na mesa da discussão a proposta do REDD+¹, advogando o apoio financeiro a atividades que visam à redução de emissões oriundas do desmatamento e da degradação florestal, à conservação dos estoques de carbono

¹ A discussão internacional sobre a viabilização do REDD como mecanismo efetivo de combate à mudança climática tem produzido até hoje nada menos do que trinta e duas propostas governamentais e não governamentais, divergindo, por sua vez, sobre problemas como o escopo e o per de referência que definem quantas reduções de emissões serão proporcionadas, a distribuição dos benefícios entre os países que dispõem de altas coberturas florestais e baixas taxas de desenvolvimento e, *last but not least*, sobre a questão de se o financiamento deve vir de fundos alimentados por doações voluntários, contribuições do mercado ou por ambas as fontes. Uma abordagem formativa sobre o atual estado de arte do REDD fornece a publicação de C. Mitchell et.al. The Little REED+Book (2009).

florestal, ao manejo florestal sustentável bem como ao fortalecimento dos estoques do carbono florestal.

Neste contexto, vale ouvir Márcio Santilli (2010, p. 16) que fez parte do grupo de pesquisadores, brasileiros e norte-americanos, que apresentaram durante o encontro da COP-3 em 2003, realizado em Milão, a ideia de incluir na contabilidade dos *Green House Gases* dos países em desenvolvimento aquelas emissões que são evitadas pela redução do desmatamento e da degradação florestal.

"O estoque total estimado para as terras indígenas já reconhecidos na Amazônia brasileira - ele escreve- é de 14 GTC (considerado somente o carbono da biomassa aérea) o que corresponde ao volume total das emissões globais de seis meses. Se, por hipótese, os povos indígenas que vivem nestas terras decidem fazer uso através da supressão da floresta de até 20% de sua extensão o que é legalmente possível, realizaríamos emissões futuras da ordem de 2,8 GTC, o que representaria 460% do volume de emissões que o Brasil pretende reduzir até 2020. Atualmente as emissões brasileiras são da ordem de 0.61 GTC (MTC 2009) e com uma redução média de 37% será de 0,41 TC em 2020, conforme as metas voluntariamente registradas no âmbito da ONU. Note-se que várias dentre as maiores terras indígenas, ou polígonos contínuos de terras, têm extensão maior do que a de países independentes e estão dotados de estoques e de outros serviços climáticos que também têm escala de país. Significa que projetos "locais" que venham a ser desenvolvidos nestas terras têm potencial climático muito significativo (...)".

E caso as implicações técnicas de sua implantação forem resolvidas exitosamente, mobilizariam recursos financeiros numa dimensão que certamente proporcionaria - como o próprio Santilli (ibid. p 14) acrescenta - "maiores chances de se desenvolverem modelos de ocupação humana e econômica mais compatíveis com a sustentabilidade futura da região."

Entretanto, por mais que na COP. 15 de 2009, ocorrida em Copenhague, o Órgão de Apoio Científico e Tecnológico da Convenção do Clima tenha realçado a necessidade de engajar no âmbito do REDD os povos da floresta, não há falta de vozes nas entidades representativas das populações indígenas que manifestem a sua oposição contra esta proposta de trabalho.

A título de exemplo mencionamos os Membros da Iniciativa de *Pueblos Indígenas sobre Evaluaciones Bioculturales de Cambio Climático* (IPPCA) que em sua declaração de Durban, África do Sul, no 26 de novembro de 2011, destacavam:

- "o REDD es una respuesta neoliberal, impulsada por los mercados, que conlleva a la commodificación de la vida e socava los valores holísticos comunitarios y nuestra gobernanza".
- as políticas neoliberais tem incentivado "la mercantilización de la naturaleza", colocando em xeque nos "países en vías de desarrollo (...) sistemas tradicionales de la tenencia colectiva de la tierra",
- os países do Norte acumularam uma dívida ecológica junto ao Sul, pela qual até hoje não têm pago nenhum tostão,
- o REDD não deterá o global warming, já que permite aos seus financiadores de continuar contaminando a atmosfera,
- não há como descartar o risco de que uma parte dos fluxos financeiros mobilizados pelo REDD acabem ficando nos bolsos de intermediários e não na mão daqueles que devem cuidar da floresta,
- governos dos mais diversos países que favorecem o REDD incentivam, ao mesmo tempo, atividades de pecuária, de mineração etc. até em terras indígenas, e,
- em alguns casos - sobretudo na Ásia - plantações de monoculturas. realizadas sob o manto da mitigação de gases efeito estufa, estão destruindo a biodiversidade e erodindo as bases de sobrevivência das populações tradicionais.

Sem dúvida alguma, trata-se de uma argumentação legítima que dirige a sua crítica contra as regras do funcionamento de um sistema económico internacional que, em virtude da preponderância do setor financeiro, segue a lógica de um capitalismo de cassino que, movido pelo aparente poder transcendental do dinheiro (Marx), tem transformado até os mercados para alimentos básicos em objetos de especulação, aumentando a insegurança alimentar das populações de baixa renda no hemisfério Sul, onde, segundo dados da FAO, quase 1 bilhão de pessoas passam literalmente fome. E se o tiro de sua artilharia acaba acertando o REDD é porque não há como negar que o discurso ambientalista que orienta as políticas (inter)nacionais, está focalizado primordialmente na implementação de programas que devem garantir tanto a redução do uso excessivo do assim chamado capital natural como a otimização da acumulação capitalista. Defende, portanto, uma racionalidade ecológica que reproduz a mesma racionalidade instrumental que tem substituído a imagem da natureza como *alter ego* do homem pela visão da natureza como objeto inimigo.

Se nas últimas duas décadas esta racionalidade tem encontrado uma enorme resistência na América Latina, isto se deve, em grande parte, aos povos indígenas do espaço andino que, no processo do seu renascimento como ator social, acabaram atualizando, no debate político em seus respectivos países, elementos substanciais de sua memória coletiva para os seus anseios e projetos futuros².

Ancorada numa cosmovisão holística que entende o mundo como "*una totalidad viva*" (Valladolid 1993, p. 79), esta memória, ao trazer à tona a enorme distância que separa a sua cultura específica dos métodos de controle social e ambiental da civilização ocidental³, proporcionava entre os representantes dos herdeiros dos povos testemunha (Darcy Ribeiro) do planalto andino e os dos indígenas da planície amazônica que militam em organizações como a COICA, uma profunda

² A título de exemplo mencionamos os povos ancestrais do Equador, que deram uma contribuição essencial para a elaboração de uma nova constituição que reconhece, explicitamente, a natureza como sujeito de direito.

³ Se no mundo da civilização ocidental torna-se suspeito tudo "o que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade" (Adorno, Horkheimer 2007, p 19), na cosmovisão andina descrições das plantas como máquinas transformadoras de energia geram estranheza, já que se chocam com a sua visão da "*planta como una deidad que nos cria e se deja criar*." (Valladolid, ibid. p. 86).

desconfiança em relação ao discurso ambientalista dos *stakeholders* (inter)nacionais⁴.

E não é nada surpreendente que esta postura tenha atingido também o REDD que como todos os projetos ambientalistas de cunho internacional procuram conciliar os parâmetros da racionalidade instrumental com os da racionalidade normativa.

Finalmente, qualquer iniciativa que pretenda usar este mecanismo em benefício dos povos indígenas enfrentará um desafio complexo e de difícil trato: precisa aproximar *stakeholders* internacionais - que manejam o seu business a partir de parâmetros econômicos como custo-benefício, otimização de rendimentos, produtividade ou eficácia - com populações que, em grande parte, vivem na base de economias de subsistência mantendo, inclusive, uma ligação transcendental com a sua "mãe terra". Ou seja, há que intermediar, de qualquer maneira, os objetivos de atores sociais que anseiam pela preservação da flora e da fauna dos seus territórios com interesses que refletem a lógica reprodutiva da economia global, determinada pelo capital em sua qualidade de "valor em progressão" (Marx).

Será que atores tão distintos, movimentados por lógicas (ou cosmovisões) altamente opostas, têm condições para iniciar uma caminhada conjunta dentro de uma perspectiva minimamente vantajosa para ambos os lados? Por mais que tenhamos uma noção clara das armadilhas que parcerias dessa natureza possam suscitar, não descartamos a possibilidade do seu sucesso, caso os atores locais se organizem com afinco e competência em torno de suas prioridades, estabelecendo uma agenda própria com metas claramente definidas.

Assumimos tal posição a partir do nosso conhecimento da encruzilhada dramática, em que se encontra hoje o Povo Tembé: ou receberá um suporte maciço em seus passos de auto-organização, procurando retomar de fato o domínio sobre o seu território, criando uma relação de vivência sustentável com a sua floresta, ou

⁴ "Não há discussão possível - disse, por exemplo, Edwin Vasquez, representante principal da Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA) durante o "Grande Encontro Pan-Amazônica - Saberes Ancestrais, Povos e Vida Plena em Harmonia com as Florestas", realizado nos dias de 15-17 de agosto de 2011 em Manaus - sobre o "REDD+ sem reconhecimento dos direitos coletivos e dos territórios dos indígenas." E segundo Roberto Espinoza, assessor técnico da mesma organização, "não interessa aos indígenas discutir carbono ou REDD, mas sim os planos de vida dessa população. Se nestes estiver a proposta do REDD, então deve-se buscar essa alternativa." (In: [HTTP://revistaamazonia.blogspot.com.br](http://revistaamazonia.blogspot.com.br))

passará por uma prolongada fase de agonia, determinada por pressões de agentes do seu entorno que colocam em xeque a integridade do seu habitat florestal, ameaçando-os de serem integrados futuramente à massa dos trabalhadores rurais - no dizer de Darcy Ribeiro "como seu componente mais indefeso e mais miserável".

Quanto à primeira opção desta alternativa, a sua implementação depende da mobilização de recursos técnico-financeiros numa escala que atualmente nenhum órgão público disponibilizará. Mas se estes recursos podem ser angariados através do REDD, neste caso estarão bem vindos os *stakeholders* deste mecanismo de financiamento, que se submetam rigidamente à agenda elaborada em nível local. No caso da Terra Indígena do Alto Rio Guamá- TIARG-é uma questão de sobrevivência para os indígenas. E, também, é de fundamental importância para o futuro de todo o nordeste paraense que abriga com este território a sua última reserva florestal. E sendo neste sentido um problema eminentemente prático, precisa ser enfrentado com estratégias concretas que procurem aproveitar ao máximo "a astúcia da razão" (Hegel) na experimentação de alternativas ao "atual paradigma de mau desenvolvimento, que produz a riqueza e, ao mesmo tempo, reproduz a pobreza e a exclusão social." (Sachs 2006, p. 308).

Sem dúvida é um desafio complexo e espinhoso. Mas aqueles que se dão ao direito de ignorá-lo, numa sociedade planetária em que as discussões sobre o futuro da humanidade se assemelham cada vez mais a "uma controvérsia sobre o programa musical no Titanic" (Carl Amery, cit. in: Mitschein 2010, p. 48), acabam promovendo um pensamento que se perde nas nuvens da escolástica.

Prof. Dr. Thomas A. Mitschein
Coordenador
Programa Trópico em Movimento - UFPA

VIAGEM AO GURUPI EM JANEIRO DE 2010

Paragominas é o ponto de partida. As aldeias Tembé da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) situadas às margens do Rio Uraim e do Rio Gurupi, do lado oposto às aldeias do Rio Guamá, podem ser acessadas de duas maneiras: por terra, usando estradas vicinais ou ramais e por água, navegando o Rio Uraim, que atravessa toda a cidade e o município de Paragominas. O Rio Uraim é tributário do Rio Gurupi, rio longo e caudaloso que tem como uma de suas funções principais naquela altura, abrigar as aldeias Tembé e como atividade secundária a de servir como fronteira delimitadora entre o nosso Estado do Pará e o vizinho Maranhão.

PARAGOMINAS

Uma cidade planejada. Executada de acordo com um dos projetos que concorreram para a construção de Brasília e que não foi selecionado. Totalmente diferente das outras cidades do Estado do Pará. Surpreende pela limpeza, conservação e respeito às pessoas e ao meio ambiente. Fundada em 1965, abriga as principais atividades do uso da terra na Amazônia, tornando o município uma síntese quase completa desta região. Dentre as atividades que desenvolve estão: a pecuária, agricultura (especialmente a produção de grãos), exploração madeireira, reflorestamento e mineração. Neste momento procura promover o desenvolvimento sustentável local. Conhecida como a capital do boi gordo, possui atualmente um rebanho estimado em 500 mil cabeças de gado. É o maior criador de gado da região nordeste paraense e responde por 70% da produção de grãos do Estado do Pará como: soja e arroz. É detentora da terceira maior área de floresta manejada de selo verde (FSC) da Amazônia. Município com a maior área reflorestada com espécies nativas da Amazônia, 50 milhões de árvores já foram plantadas e a meta é chegar a 100 milhões até o final do mandato do prefeito Adnan Demachki. A cidade tem uma área de proteção ambiental e um Parque Ambiental. Trinta mil crianças recebem aulas de educação ambiental nas escolas municipais. Analfabetismo zero. Cinquenta

câmaras de vigilância ajudaram a reduzir a criminalidade. A área pertencente ao município é maior do que o Estado de Sergipe e abriga parte da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG), onde habitam os Tembé.

A prefeitura de Paragominas em parceria com a Secretaria de Estado de Meio Ambiente (SEMA), o Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (IMAZON), a ONG The Nature Conservancy (TNC) e diversas entidades locais, realiza várias ações para combater o desmatamento e promover a regularização ambiental em áreas que foram degradadas no passado. O Projeto foi lançado em março de 2008 e recebeu o nome de Município Verde, fruto de um pacto firmado com a sociedade local para conduzir o município rumo à produção sustentável. Feito o Zoneamento Ecológico-Econômico (ZEE), o município executará o microzoneamento das propriedades rurais para encontrar o equilíbrio entre a produção e a conservação e ao mesmo tempo será possível delinear as áreas de preservação permanente e de reserva legal podendo identificar eventuais passivos ambientais a serem corrigidos e também identificar e definir áreas de produção de grãos, carne, fruticultura, madeira e outros bens.

REUNIÃO EM PARAGOMINAS



Reunião em Paragominas

No dia 14 de Janeiro de 2010 a equipe que entraria para as aldeias Tembé do Gurupi, formada por: Francisco Brasil, indigenista, diretor adjunto do escritório regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

em Belém, Heleno Couto, o último chefe do posto indígena Canindé (a função fora extinta no mês de dezembro de 2009, mas ainda não está sendo executado na prática o novo organograma, por isso ainda é chamado e tido como chefe), Adelson Fernando, indigenista, técnico agrícola da FUNAI (já atuou como chefe do posto Canindé, conhece muito bem a área e exercerá a função de motorista do grupo), Sandro Abreu, engenheiro agrônomo da ONG Vitoria Régia, Gilvandro Andrade, técnico agrícola da ONG Vitoria Régia, Claudionor Dias, coordenador do PROGRAMA TENETEHARA, diretor da Fundação Bolsa Amazônia, ONG do Programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia (POEMA) do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e eu Miguel Ramos, professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), reuniu no prédio da Secretaria de Agricultura (SEMAGRI) de Paragominas com Marcos Amaral, secretário Municipal de Agricultura, Jurandir de Sousa e Silva, professor e vereador, representando a Câmara Municipal de Paragominas, Daniel Marques, chefe do escritório local da Empresa Brasileira de Pesquisa Agro Pecuária (EMBRAPA), representantes da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-PA) e da Secretaria de Estado de Agricultura (SAGRI). É importante frisar que todas essas entidades citadas anteriormente, tirando a equipe que entrará para as aldeias possuem seus escritórios de representação abrigados no prédio da SEMAGRI de Paragominas. Estávamos aguardando a chegada do técnico Jorge Moreira e de Gustavo Furini, representante da Empresa C-Trade, intermediadora na possível venda de créditos de carbono oriundos da acumulação de carbono pelas florestas da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG).



Reunião em Paragominas

Essa reunião teve como finalidade dar conhecimento aos parceiros sediados em Paragominas da proposta do PROGRAMA TENETEHARA e conseqüentemente do Programa de Eco Desenvolvimento escrito e

conduzido pelo POEMA. O referido Programa estava centrado no soerguimento e recuperação das atividades produtivas dos Temb  visando à segurança alimentar desse povo. Os recursos que financiariam esse Programa foram assegurados pelo dinheiro arrecadado no leilão de madeira retirada ilegalmente e apreendida na TIARG no valor de R\$ 1.400.000,00 (um milhão e quatrocentos mil reais). O dinheiro já estava sendo usado para fazer o pagamento de uma **“Bolsa Floresta”** para as mulheres Temb  das aldeias do alto Rio Gurupi, porém a finitude dos recursos estava prevista para o mês de outubro de 2010, após esse período o PROGRAMA TENETEHARA s  poderá continuar se por ventura a proposta de venda de carbono acumulado, via C-Trade, estiver sendo executada na prática e o dinheiro resultante da venda for repassado para o povo Temb .

O PROGRAMA TENETEHARA é o ponto de partida, o marco zero para a implanta o de qualquer projeto de utiliza o do REDD (Redu o de Emissões por Desmatamento e Degrada o), ou seja, o que atualmente chamamos de Desmatamento Evitado. O uso de serviços ambientais prestados pela floresta deverá de alguma forma ser compensado financeiramente pelos países industrializados para que os mesmos continuem a viver o seu modelo de vida e até melhorem os seus padrões de consumo, e para que isso continue, deverão pagar para quem conserva seu ambiente e evita o desmatamento, então, os recursos pagos para que as florestas sejam mantidas em p  servirão para manter e melhorar as condi oes de vida dos povos da TIARG. O PROGRAMA TENETEHARA é o embrião de um processo de envolvimento total do povo Temb  na manuten o da floresta não desmatada e servirá como elemento basilar para o aprendizado e continuidade da venda de carbono estocado por ela. O laboratório que se estabelecer  na TIARG como um todo, terá a execu o e acompanhamento do PROGRAMA TENETEHARA, será imprescindível para nortear os passos seguintes na formata o de utiliza o dos recursos advindos com a venda do carbono para os mercados externos. É visto, portanto como uma “provoca o” inicial e necessária para a implanta o de projetos e programas sustentáveis financiados com a venda do carbono estocado.

Claudionor Dias definiu a **Bolsa floresta** como a formação de um batalhão de Guardiões da floresta que imporá e fiscalizará um “**DEFESO**” para a não utilização da madeira das florestas da TIARG. E isso na prática já estava acontecendo. Recentemente, no final do ano de 2009, as mulheres Tembé do Alto Rio Gurupi que recebem a Bolsa Floresta impediram a saída de madeira retirada ilegalmente da TIARG, a polícia foi acionada e a madeira apreendida.

Durante a reunião, o chefe local do escritório da EMBRAPA afirmou que a empresa já dispõe de informações acerca da utilização para a região do alto Rio Gurupi, de variedades de mandioca a serem plantadas, já que os Tembé estão a queixar-se de que as variedades que dispõem sofrem de apodrecimento das raízes. Os técnicos da EMBRAPA encontraram nos seus experimentos, duas variedades de mandioca que ali plantadas são imunes a esse mal, as variedades Poty e Mary e que as informações técnicas estão à disposição do POEMA para serem implantadas na região do Alto Rio Gurupi, e que tal gesto significa na prática a atuação conjunta das duas instituições no melhoramento das condições de vida dos indígenas. Também a EMBRAPA dispõe e pode disponibilizar uma coleção de CDs com programas de rádio sobre a resolução de problemas na agricultura praticada na região norte do Brasil.

A EMATER propõe que seja feito levantamento das áreas que possam ser mecanizadas para incrementar as atividades agrícolas e desse modo preservar as áreas de floresta para a utilização como regiões estocadoras de carbono.

Assim as entidades aqui reunidas acordam que deverá acontecer uma nova reunião entre si para estabelecer o detalhamento das atividades a serem levadas a efeito em Paragominas referentes ao PROGRAMA TENETE HARA e planejar as ações que possam ser tocadas em conjunto pelas instituições presentes. Marcaram a data de 04 e 05 de fevereiro de 2010, neste mesmo local.

REUNIÃO NO GABINETE DO PREFEITO DE PARAGOMINAS NO DIA 15 DE JANEIRO DE 2010.

A reunião aconteceu no gabinete do Prefeito de Paragominas, por volta das duas horas da tarde para discutir a possível instalação no município de um Núcleo ou Campus da Universidade Federal do Pará (UFPA)

Participaram desta reunião: O Prefeito Municipal Adnan Demachki, o vice-prefeito Paulo Tocantins, o Secretário de Agricultura Marcos Amaral, o Vereador Jurandir Sousa e Silva, o presidente do Sindicato Rural de Paragominas Paulo Lúcio, o vice-Reitor da Universidade Federal do Pará (UFPA) Horácio Schenider, o Diretor do Núcleo de Meio Ambiente (NUMA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) Gilberto Rocha, o coordenador do Programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia (POEMA) do NUMA/UFPA Thomas Mitschein, o coordenador do PROGRAMA TENETE HARA do POEMA/NUMA/UFPA Claudionor Dias, o Diretor Regional da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) no exercício do cargo Francisco Brasil, o presidente da ONG Vitoria Régia Alex Keuffer, O engenheiro agrônomo da ONG Vitoria Régia Sandro Abreu, o técnico agrícola da ONG Vitoria Régia Gilvandro Andrade e eu Miguel Ramos Professor do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFPA.

O Prefeito Adnan Demachki começa falando de sua administração à frente do município, pois está há um ano exercendo seu segundo período de governo. Discorreu sobre os projetos de reflorestamento na região, onde ressaltou que pretende até o final de seu mandato plantar 100.000.000 (cem milhões) de árvores. Fez um longo relato a respeito do projeto de transformar Paragominas em Município Verde. Entusiasmou-se ao falar sobre a conquista de praticamente zerar o analfabetismo em seu município. Acrescentou a informação de que existe por parte da Prefeitura um Programa que zera o IPTU para os adultos que se alfabetizarem. Não esqueceu de mencionar a conquista de seis prêmios de gestor da merenda escolar, sendo o do ano de 2009 referente à merenda escolar em áreas indígenas. Tais prêmios são conferidos e entregues pela presidência da República. Finalizou

referindo-se à construção de escolas e postos de saúde nas áreas dos Tembé no Gurupi.

O professor Thomas Mitschein, parabeniza o prefeito pelos feitos relativos à preservação ambiental e ao apoio às atividades dos indígenas. Confessa ser a primeira vez que vem a Paragominas e se surpreendeu com a cidade, com sua conservação e crescimento. Afirma que o NUMA/POEMA estão prontos para iniciarem as atividades no município, desde que a UFPA decida pela instalação de uma base no local e que certamente cursos de pós-graduação e cursos e atividades voltadas para os Tembé poderiam ser iniciadas de pronto. Também sugere a criação de uma página na internet com a Prefeitura e o Programa Tembé.

O Professor Horácio Schneider elogia o prefeito por conduzir com eficiência, competência e seriedade o município, parabenizando-o pelos avanços visíveis na zona urbana afirmando que aguarda a solicitação formal por parte da Prefeitura de Paragominas para a instalação de uma base da UFPA. Compromete-se desde já a apoiar a solicitação e marcar uma reunião que deverá ocorrer na Reitoria da UFPA em Belém com o Reitor Carlos Maneschy. Solicita informações das Universidades e Faculdades já instaladas no município e informações atualizadas das atividades produtivas e socioeconômicas.

A reunião em Belém será marcada e comunicada posteriormente.

DIA 16 DE JANEIRO DE 2010

Entraremos hoje para as aldeias Tembé do Alto Rio Gurupi. A saída está marcada para a frente do hotel Del Príncipe, onde alguns membros da equipe estão hospedados. Em uma caminhonete da FUNAI, de cabine dupla com tração nas quatro rodas conduzida pelo motorista Adelson Fernando, partiram, por volta das dez horas da manhã: Francisco Brasil diretor regional da FUNAI, Claudionor Dias coordenador do PROGRAMA TENETEHARA, Gustavo Furini representante da empresa C-Trade e Jorge, técnico da C-trade. Eu e o mestre de obras contratado

pela ONG Vitoria Régia, seguiríamos em um caminhão da Fundação Nacional de Saúde Indígena (FUNASA) que chegaria um pouco mais tarde porque precisou trocar um pneu, comprado por Claudionor Dias para poder seguir viagem. O pneu substituído estava simplesmente imprestável.

Aguardamos por muito tempo o caminhão. Saí para comprar alguma coisa para comer e por pouco não perdi a viagem. Chegou quase meio dia, conduzido pelo motorista Gilmar. Instalamo-nos na cabine do caminhão e partimos para o centro da cidade, para o Hotel Central localizado próximo ao mercado, onde embarcou e tomou lugar também na cabine, a professora de filosofia da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), do curso de ensino médio modular, Michele, que havia sido esquecida no hotel por dois dias. A professora seguiria para lecionar na escola de ensino médio localizada na aldeia CAJUEIRO. Portanto éramos quatro pessoas que viajaríamos na cabine do caminhão. Contávamos com ar-condicionado e música a bordo, vinda pelo rádio.

Vários indígenas com suas malas e compras subiram na carroceria do caminhão. Esse é o meio de transporte para os indígenas que vêm das aldeias até a cidade de Paragominas. Saímos do centro da cidade e nos dirigimos para a casa de apoio da FUNAI na cidade, a Casa do Índio (CASAÍ). Muitos outros Tembé, onde se contavam famílias com seus filhos pequenos e malas se acomodaram na carroceria. Indígenas da etnia Ka'apor, que habitam aldeias do outro lado do Rio Gurupi, no Estado do Maranhão, mas que curiosamente são assistidos pela FUNASA de Paragominas também juntaram-se aos passageiros na carroceria do veículo. Entre os Ka'apor, viajou conosco o Cacique Joãozinho da aldeia SÍTIO NOVO.

Fazendo parte da comitiva viajante estava também a Liderança Tembé da aldeia SUÇUARANA, Valdeci Tembé, que presta serviço junto a área de saúde na FUNASA de Paragominas. Valdeci é um militante muito atuante da causa Tembé que participa de atividades que envolvam os interesses dos seus parentes, tanto dentro das aldeias como em eventos de toda ordem fora delas. É conhecido e reconhecido como um grande negociador naquilo que se refere aos assuntos relativos ao seu povo.

Partimos depois do meio dia. Mal deixamos a cidade, enveredamos por uma estrada de terra muito utilizada por madeireiros, com estado de conservação bastante precário. Viajamos por entre fazendas. Nada de floresta nativa. Começamos a chegar a áreas onde se fazia o reflorestamento. Áreas imensas cobertas com um verde cansativo e homogêneo das árvores plantadas em série. Porém uma alternativa econômica e ecológica de compensação antrópica ao desmatamento provocado para a implantação de fazendas para a criação de bois. Passamos por grandes extensões de terras aradas e preparadas para plantar soja. Uma cultura em crescimento exponencial no município.

A paisagem começou a mudar. Serras e vales se apresentavam a nós como forma de quebrar a monotonia dos desmatamentos e da mesmice dos reflorestamentos. Começamos a seguir uma rota que acompanhava o Rio Uraim, importantíssima na estação chuvosa, quando as estradas ficam simplesmente intransitáveis, serve de via fluvial para o deslocamento dos Tembê de suas aldeias até a cidade de Paragominas.

Nosso condutor Gilmar mostrou ser um grande guia e conhecedor profundo da região. Passamos pela “fazenda da viúva”, que recebia esse nome porque sua proprietária já havia sido casada por três vezes e por três vezes ficara viúva. Subimos por uma serra bastante íngreme que por ficar próxima a fazenda recebeu o nome de serra da viúva. Belíssima paisagem. Lá embaixo no vale, era possível ver a curva prateada e brilhante do rio Uraim, que teimava em se esconder por entre aquele verde matizado.

MERENDINHA

Chegamos a uma parada obrigatória para quem viaja por aquelas ermas e



Liderança Valdeci Tembê e Cacique Joãozinho Ka`apor

esquecidas paragens. Como que surgida do meio do nada e plantada no meio do nada estava a lanchonete conhecida como Merendinha. Quando as chuvas cobrem as estradas, os Tembê chegam até aquele lugar com suas

voadeiras e de lá vão até Paragominas pela estrada. A Merendinha (Lanches MM) conta com um artigo de luxo e inimaginável nestas paragens, banheiro masculino e feminino, imprescindível e obrigatória a parada ali.

Toda essa região é servida com energia elétrica direta distribuída pela Rede Celpe, por isso, como complemento que poderia ser descrito por alguém como Gabriel Garcia Marques, a Merendinha oferecia para os atônitos viajantes: mini pizzas, pastéis, outras frituras e frios, iogurte de marcas variadas, refrigerantes, água mineral e a especialidade da casa, o caldo de cana ou garapa acondicionada em pequenas garrafas plásticas bojudas, semelhantes àquelas que usadas pelos refrigerantes pichula. Era algo surpreendentemente bom para conservar os hábitos citadinos.



Caminhão da FUNASA

Seguimos viagem. Passamos por uma segunda merendinha. Estava fechada. Subimos por uma serra mais íngreme ainda, que recebia o nome de serra da merendinha. Essa serra nos oferecia muito perigo em função da piçarra e barro molhado que poderia em um descuido do condutor nos jogar no abismo, nosso vizinho e acompanhante. Como alegria para os olhos, a serra nos brindava com a vista de um vale muito amplo e bonito. Começamos a passar por uma vegetação nativa e conservada na serra.

Depois de várias músicas vindas do toca CD do caminhão, desembocamos na CAIP. Era um assentamento de colonos que cresceu e atualmente conta com escola municipal de ensino fundamental, posto de saúde e que vende carne bovina com preço muito bom. Gilmar nos diz que todos os que viajam para aquela região costumam trazer carne. Se comparar o preço de R\$ 8,00 (oito reais) o quilo de filé bovino vendido na CAIP com os R\$ 15,00 (quinze reais) cobrados em Paragominas, é para se trazer caixas e caixas de carne.



Na CAIP – Assentamento de colonos

aproveitei e tomei um gole. Reconfortante naquele calor e naquela poeira.

Os indígenas vieram da cidade de Paragominas, mas preferem fazer compras em uma mercearia onde paramos, embaixo de uma árvore. O calor estava muito forte. Na mercearia havia banheiro. Quase todos os indígenas fizeram compras. Valdeci tomou cerveja em lata. Também

Conheci muito pouco da CAIP, só aquele trecho da mercearia. Mas naquela rua se via o açougue, com pouco movimento de fregueses e algumas outras lojas e pequenos comércios fechados. Dava para ver pequenos restaurantes e uma oficina mecânica. Alguns bêbados perambulavam pela rua. Um sujeito valente contava em altos brados sua coragem e feitos. Queria a cabeça de um desafeto que havia desrespeitado sua filha. Estava bêbado e continuava bebendo. Disse que vendeu

um boi e que parte desse dinheiro era para pagar um homem que lhe trouxesse a cabeça do safado. Faria um cozido com a cabeça do desafeto. Essa figura a ser morta teve muita sorte, pois o valente teria aplicado várias facadas no sujeito condenado a morrer e mesmo assim ainda encontrou forças para fugir. Estar parado naquele lugar chamado CAIP me fez retornar aos tempos de minha infância quando



CAIP

assistia no cine Olímpia, em Bragança do Pará, os filmes de bang-bang estrelados por John Wayne. CAIP me transportou para dentro daqueles filmes longínquos e armazenados em locais bem escondidos de minha memória. Na vila vi todos os ingredientes e quase todos os personagens do velho oeste. Não

consegui encontrar os cavalos porque na CAIP eles foram substituídos pelas motos.

Seguimos viagem pela estrada cada vez pior. Passamos pela casa onde morava o homem valente que encontramos na CAIP. Era uma casa cinza, pequena e triste, situada em uma elevação. Não consegui ver vizinhos às proximidades.

Passamos por outra pequena vila, com casas de alvenaria, energia elétrica e poço artesiano com caixa d'água. Disse-nos Gilmar que aquela vila era habitada por colonos que saíram de seus assentamentos, foram para outra região, não tiveram sorte, não prosperaram e retornaram para seus antigos lares. Não puderam lá ficar porque outros colonos haviam sido instalados nas suas antigas casas. Construíram então a vila atual.

Passamos pela propriedade de Cornélio. Um tembé que quando morava na TIARG habitava paragens fora das aldeias. Sempre morou isolado. Tinha filhos que moravam em Belém. Seu terreno estava cercado com arame farpado. Dentro do terreno uma pequena casa de madeira coberta com telhas de barro. Cornélio havia se desentendido recentemente com os Tembés da TIARG. Teria autorizado

madeireiros a entrarem na Terra indígena para retirar madeira. Fora desautorizado pelos outros Tembé, que prenderam os pertences dos madeireiros. Por essa razão Cornélio passou a morar fora da reserva, mas queria contar com todos os direitos dos habitantes das terras Tembé.

Continuamos a viajar entre fazendas, algumas parecendo abandonadas e outras bem cuidadas e com muito gado.

Entramos na TIARG, a vegetação mudou radicalmente. Passamos a viajar por uma estrada estreita, com ladeiras e pequenos vales, ladeados por árvores muito altas e de diâmetros avantajados. Estávamos no interior da floresta primária dos Tembé do Rio Gurupi.

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DOS TEMBÉ DO RIO GURUPI

Embora não estejam abrigadas em nenhuma Associação Indígena, algumas aldeias se destacam como polo por diversos aspectos: possuem escolas de ensino fundamental e de ensino médio, terem posto de saúde razoavelmente equipados e terem um número de habitantes bem superior ao das pequenas aldeias que de certo modo gravitam em torno das maiores e dependendo da situação geográfica acessam determinada aldeia polo mais rapidamente. A aldeia TEKOHAW criou uma associação que não progrediu. Agora estão discutindo a formação de uma única Associação que englobe todos os Tembé do Gurupi. Essa reunião está prevista para ocorrer nos dias 30 de janeiro e 01 de fevereiro na aldeia TEKOHAW e para lá devem convergir pelo menos os líderes de todas as aldeias Tembé do Rio Gurupi e as autoridades da aldeia Ka'apor SÍTIO NOVO da Terra Indígena Alto Turiaçu no Estado do Maranhão.

ALDEIAS PRINCIPAIS COM AS ALDEIAS SOB SUA INFLUENCIA

ALDEIA CAJUEIRO - Suçuarana, Araruna, Mangueira e Paihu.

ALDEIA TEKOHAW – Floriano, Anoirá e Faveira.

ALDEIA CANINDÉ - Ikatu, Bate Vento e Cocalzinho.

AUTORIDADES DAS DIVERSAS ALDEIAS DO RIO GURUPI

Aldeia CAJUEIRO: Cacique Isidoro Tembé, Liderança Reginaldo Tembé e Capitoa Célia Tembé.

Aldeia TEKOHAW: Cacique Lourival Tembé, Liderança Sérgio Muxi Tembé e Liderança Jacinto tembé, e a Capitoa Verônika Tembé.

Aldeia CANINDÉ: Cacique Augustinho Tembé e Cacique Quirino Tembé, Liderança Jailton Tembé e Liderança Antonio Frederico Tembé e a Capitoa Leocádia Tembé.

Aldeia IKATU: Cacique Sibá Timbira.

Aldeia SUÇUARANA: Cacique Isaac Tembé, Liderança Valdeci Tembé e Capitoa Brasilice Tembé.

Aldeia ARARUNA: Cacique Bené Tembé.

Aldeia FLORIANO: Cacique Manão Tembé.

Aldeia FAVEIRA: Cacique Ezequiel Tembé.

Aldeia ANOIRÁ: Cacique Codó Tembé e Liderança Lidemar Tembé.

Aldeia BATE VENTO: Cacique Mundico Tembé e Liderança Diego Tembé.

Aldeia COCALZINHO: Cacique Luizinho Tembé e Capitoa Mariquinha Tembé.

Aldeia SÍTIO NOVO: Cacique Joãozinho Ka'apor e Liderança Carlos Ishiru Ka'apor.

Aldeia PIAHU (Aldeia alta): Cacique Zeca Tembé.

Aldeia MANGUEIRA: Cacique Juvenal (Bem-te-vi) Tembé.

ALDEIA CAJUEIRO



Ramada da Aldeia Cajueiro

Chegamos à aldeia CAJUEIRO, uma das três grandes aldeias do povo Tembé do Gurupi. Uma porteira com cadeado bem na entrada. O portão estava aberto. Um letreiro nos avisava que durante as festividades de São Benedito, na aldeia, no período de 18 a 26 de dezembro o portão seria fechado à meia-noite. Nos dias normais as portas da aldeia se fechariam às dez horas da noite.

CAJUEIRO conta com 26 casas e 127 habitantes. O centro da aldeia está configurado como as aldeias Tembé do Guamá. As casas estão dispostas em torno do campo de futebol, que é a praça mais importante da aldeia. Podemos ver quatro casas de madeira cobertas com cavaco, duas casas de madeira cobertas com telhas de fibro cimento (tipo brasilit), uma das quais é a casa do Cacique Isidoro Tembé, duas casas de taipa (barro e varas) coberta com cavaco, uma casa de madeira

coberta com palhas de ubim, duas casas de taipa cobertas com palha de ubim, uma casa de banho (com sanitários e chuveiros) coletiva de alvenaria e coberta de telhas de fibro cimento, e a casa onde mora a Liderança da aldeia, Reginaldo Tembé que é a única residência construída em alvenaria, coberta com telhas de barro, faltando ainda terminar a construção do segundo andar. Também ao redor do campo de futebol está casa de apoio da FUNAI, onde reside o chefe do posto de Canindé e onde nossa equipe se abrigará. Nesse lugar central está erguida a RAMADA, casa típica Tembé, com telhado coberto com palha de ubim, típica da região do Gurupi. O telhado disposto em quatro águas. Cercada com varas que delimitam a parte externa e o salão. Na Ramada se realizam as reuniões e as festas da aldeia. O poço artesiano e a caixa d'água com capacidade para 10.000 litros, construída pela FUNASA, fica próxima ao campo de futebol, junto à casa do Cacique Isidoro Tembé, que também exerce a função de Agente Indígena de Saneamento (AISAM).



Aldeia CAJUEIRO

Todas as casas da aldeia recebem água encanada e tratada. A aldeia tem energia elétrica direta fornecida pela Rede Celpe. Um novo poço artesiano está sendo cavado e a nova caixa d'água com capacidade para 10.000 litros está a ser erguida. Brevemente será inaugurada.

Há um posto de saúde bem cuidado e com uma técnica em enfermagem que fica vinte dias na aldeia além do técnico em enfermagem Zezinho Tembé, morador de

CAJUEIRO que pode inclusive realizar exames para malária, fornecer o diagnóstico e iniciar o tratamento. A malária está fortemente presente na região. E a cada quinze dias uma enfermeira e um dentista vêm a aldeia para atender os moradores.

Encontramos na aldeia CAJUEIRO a Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Francisca Tembé, onde também funciona o Ensino Médio Modular mantido pela Secretaria de Estado de Educação (SEDUC). Bem cuidada, com quatro salas de aula e uma sala para



Escola Maria Francisca Tembé

informática com três computadores e com previsão

de instalação de internet. Possui sala para a direção e quartos para os professores morarem durante o período em que ficam na aldeia. Junto à escola há uma quadra poliesportiva recém-construída pela Prefeitura de Paragominas. A quadra de esportes possui alambrado lateral e rede que a fecha por cima aos moldes das arenas esportivas encontradas nas cidades.

A aldeia CAJUEIRO está situada às margens do Rio Uraim, possui um porto pelo qual chegam e partem voadeiras e outros barcos com destino ao lugar merendinha, subindo o rio quando na estação das chuvas querem chegar até a cidade de Paragominas. Se descerem o rio, acessam as aldeias situadas no próprio Rio Uraim e aquelas encontradas no Rio Gurupi.



Casa de apoio da FUNAI

Como apoio, existe uma casa da FUNAI construída em madeira e coberta de telhas de fibro cimento. Com dois quartos, sendo um exclusivo para os funcionários da FUNAI. Uma grande sala/copa, uma

cozinha equipada com fogão a gás e um banheiro. Muitos armadores de rede estão disponíveis. Tem água encanada e energia elétrica, mas não possui geladeira. Ali também encontramos a estação de rádio, uma das poucas que ainda restam na região do Gurupi. O rádio é operado pelo indígena Elias Tembé. Esse rádio é fundamental para falarem com outras aldeias, com a CASAI de Paragominas e com a FUNAI em Belém.

A FUNAI dispõe de uma lancha tipo voadeira, de alumínio e equipada com motor de popa de 25 HP com capacidade para transportar seis pessoas. Contam também com uma caminhonete L200 Mitishubishi com tração nas quatro rodas que nesse momento está “apreendida” pelos Tembé. A FUNASA possui duas voadeiras com motor de 40 HP.

Grande parte dos moradores da aldeia CAJUEIRO é falante da língua Tembé. Roberto Tembé é um professor local da língua.

A aldeia tem uma casa de farinha com prensa manual. O PROGRAMA TENETEHARA construirá uma nova casa de farinha mecanizada, já que agora os habitantes de CAJUEIRO deixaram de retirar e vender madeira e estão a ampliar suas roças. Nas roças plantam: mandioca, batata-doce, mamão, banana, macaxeira, cará, melancia, jerimum, milho, arroz e feijão. Açaí, só para o consumo dos habitantes e visitantes da aldeia. Mas há projetos para plantar e despolpar açaí. Criam galinhas. Não produzem mel. Pretendem reativar suas colmeias. Extraem da floresta como produto não madeirável, o óleo de andiroba.

A caça é praticada por todos os moradores da aldeia Cajueiro e é abundante. Os Tembé caçam catitu, porcão, tatu, jacaré, jabuti (principal iguaria), gato maracajá (jaguatirica) e onças (pintada e preta). A pesca também é praticada só para o seu sustento, não vendem pescado. O Rio Uraim na altura da aldeia é muito piscoso. Os Tembé pescam com tarrafa, linha de mão e rede e podem eventualmente utilizar o cunambi. Pescam: tucunarés, mandubés, traíras, piaus, pintados e tambaquis (que vieram de açudes da região e agora abundam no Rio Uraim). Carne de boi compram na CAIP.

No Rio Uraim é possível encontrar agora o tracajá (quelônio amazônico). Não é originário da região. Contam que um Tembê que morava na Região do Rio Guamá trouxe alguns exemplares e os soltou no Rio Uraim. Eles se deram bem e proliferaram. Servem de alimento para os habitantes da aldeia.



Rio Uraim na Aldeia CAJUEIRO

Na aldeia podemos encontrar indígenas católicos e evangélicos. A Liderança Reginaldo Tembê é membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Em dezembro realizam a festa de São Benedito acrescida de festas profanas com aparelhagens de som e muita cerveja. As festas acontecem na Ramada. A Ramada da aldeia será reformada pelo PROGRAMA TENETEHARA. A atual é antiga e construída de uma maneira bastante simples, com traves de sustentação que servem de apoio para a cobertura de palha de ubim trançadas e amarradas com cipó titica. As traves atravessam todo o salão e a deixam com pouca altura. Não tem pajé indígena na aldeia CAJUEIRO.

De CAJUEIRO, na estação seca é possível chegar por terra até as duas outras grandes aldeias do alto Rio Gurupi: TEKOHAW e CANINDÉ. Também é possível acessar por terra outras aldeias menores.

Das mulheres da aldeia, algumas recebem a **Bolsa Floresta** (aproximadamente 55). Também há em CAJUEIRO algo em torno de 30 aposentados pelo INSS. Por volta de 15 mulheres da aldeia receberam o auxílio-maternidade do governo federal. No ano de 2009 não foi registrado nenhum casamento formal, mas a aldeia recebeu 10 novos casais formados por jovens locais. E apenas uma pessoa morreu em 2009. Há também um habitante que é empregado da prefeitura da Paragominas.



De camisa listrada Heleno Couto junto a equipe de futebol

O último chefe do Posto da FUNAI no CANINDÉ e que morava na casa de apoio em CAJUEIRO foi Heleno Augusto Couto dos Santos cujo mandato iniciou em julho e findou em dezembro de 2009, quando a FUNAI extinguiu todos os postos indígenas do Brasil. Heleno aguarda a posição de sua chefia para saber o que e como fará. Como não sabe o que fazer, age como se chefe do posto ainda fosse.

O primeiro chefe do posto no CANINDÉ foi um senhor chamado Lupércio, depois veio Antônio Fagundes (suicidou-se), Francisco Potyguara Thomas Filho (ficou aproximadamente um ano), Marluce Santa Brígida, Adelson Moura (1983/1984), David Isaac Ferreira, Heleno Augusto Couto dos Santos (março de 2007/ julho de 2008), Alexandre Melo e outra vez Heleno Couto.

O último chefe do Posto da FUNAI no CANINDÉ e que morava na casa de apoio em CAJUEIRO foi Heleno Augusto Couto dos Santos cujo mandato iniciou em julho e findou em dezembro de 2009, quando a FUNAI

SUÇUARANA

Fica situada a meio caminho entre a aldeia CAJUEIRO e a desembocadura do Rio Uraim no Rio Gurupi. Aldeia pequena que no ano de 2010 tem cinco anos de existência. Foi fundada por indígenas que vieram da aldeia denominada BANHA no Estado do Maranhão. O Cacique é o indígena Isaac Timbira, pertencente a uma etnia diferente da dos Tembé, habitantes originários do Maranhão. A Capitoa é a senhora Brasilice Tembé. A Liderança Valdeci Tembé é filho do Cacique Isaac Timbira e da Capitoa Brasilice Tembé.

O Cacique Isaac Timbira trabalhou nas frentes de atração organizadas pela FUNAI na época dos governos militares no Brasil, período de construção da rodovia Transamazônica. Trabalhou oito anos como intérprete. Critica a atuação da FUNAI que atualmente registra como indígena qualquer pessoa que por lá apareça se dizendo indígena. Tem de repensar esses critérios. Ele é irmão da indígena de nome Lívia Timbira esposa do antigo Cacique e fundador da aldeia CAJUEIRO, Bento ou Bentriz Tembé.

Isaac Timbira afirma que os Tembé que habitam o Rio Gurupi atualmente, descendem dos Tembé que moravam em uma aldeia denominada de COCAL DOS ÍNDIOS que estava situada na cabeceira do Rio Gurupi perto das cidades maranhenses de Itinga e Açailândia e que foram trazidos pelo então chefe do posto indígena de São Luiz do Maranhão. Nessa época os Tembé foram trazidos para a região da aldeia CANINDÉ. Nessa época os Tembé estavam subordinados ao posto indígena de São Luiz do Maranhão. Na aldeia COCAL DOS ÍNDIOS ficou somente Matias Tembé que levou alguns indígenas para lá e ficou completamente isolado. Matias Tembé resistiu à mudança e não veio para CANINDÉ, morreu por lá. Depois da morte de Matias Tembé, o Cacique Lourival Tembé da aldeia TEKOHAW, aldeia que surgiu da junção de pequenos grupos de indígenas que viviam por perto, foi de canoa buscar as filhas de Matias Tembé. Algumas delas vieram morar onde hoje é a aldeia CAJUEIRO.

A Capitoa da aldeia SUÇUARANA é a senhora Brasilice Tembé de 53 anos. Liderança nata e que está sempre presente nas reuniões e atividades dos Tembé seja nas aldeias ou em eventos fora da TIARG. Conta-nos que a tradição Tembé da “Festa da Moça”, estava há muito tempo esquecida e foi reativada pela Capitoa da aldeia TEKOHAW, Verônika Tembé quando organizou a festa para Brasilice Tembé na época em que esta se formou (menstruou pela primeira vez).

Brasilice Tembé nos conta também que no tempo dela o casamento nas aldeias Tembé se desenrolava da seguinte maneira: cada um dos noivos pegava nas flechas que eles levavam consigo, depois a noiva pegava a comida e colocava na boca do noivo, o noivo por sua vez repetia o mesmo gesto. Depois ficavam juntinhos, abraçados. Estavam casados.

Situada na margem esquerda do Rio Uraim, a aldeia SUÇUARANA tem oito famílias vivendo ali e cerca de 30 habitantes. Possui uma pequena quadra de terra com uma rede de vôlei armada. Não vi campo de futebol. As casas têm antena parabólica e TV em cores. A aldeia SUÇUARANA tem poço de boca larga e caixa d’água com capacidade para 5.000 (cinco mil) litros. A luz elétrica é fornecida por um motor velho movido a óleo diesel. E que funciona à noite por um breve período de tempo. O cacique Isaac Tembé tem uma criação de porcos e deseja aumentá-la com auxílio dos recursos do PROJETO TENETEHARA. Tem também uma escola bem pequenina que Dona Brasilice Tembé chama de “galinheiro”. É uma sala de aula da Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria Francisca Tembé da aldeia CAJUEIRO. Há uma professora não indígena que reside na aldeia nos períodos de aula e é paga pela Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Paragominas. Quanto à saúde, recebem a visita dos técnicos em enfermagem do posto de saúde da FUNASA que também fica na aldeia CAJUEIRO. Chegar até a aldeia SUÇUARANA vindo da aldeia CAJUEIRO só é possível de barco pelo Rio Uraim. Por terra, SUÇUARANA comunica-se com a aldeia ARARUNA distante cerca de 5 horas a pé por uma trilha no meio da floresta.

Na aldeia SUÇUARANA todos são falantes da língua Tembé e praticam com maestria o artesanato, fabricando maracás, colares, pulseiras e adornos de toda sorte.

ALDEIA ARARUNA

Fica a cerca de 40 minutos de voadeira a partir da aldeia CAJUEIRO. Situada na margem esquerda do Rio Gurupi. O seu Cacique é Benedito (Bené) Tembé, irmão da Liderança Valdeci Tembé e filho do Cacique Isaac Timbira e da Capitoa Brasilice Tembé da aldeia SUÇUARANA.

A aldeia foi fundada no ano de 2003. Atualmente conta com apenas uma casa de morada próxima ao porto e duas armações de casa a aproximadamente uma hora de caminhada a partir da margem do Rio Gurupi, dentro da mata onde ficam suas roças. Conta com uma pequena casa de farinha em estado precário. O forno de farinha está colocado sobre tijolos apenas empilhados uns sobre os outros, sem qualquer estrutura em alvenaria. Uma pequena prensa e alguns utensílios para preparar a massa que é levada ao forno. Nesse momento a casa de farinha é usada por um casal de índios Ka'apor da aldeia SÍTIO NOVO, situada bem perto dali do outro lado do Rio Gurupi. É comum os índios Ka'apor moradores da aldeia SÍTIO NOVO virem trabalhar na aldeia Tembé ARARUNA.

Atualmente 10 pessoas vivem na aldeia. Não tem escola. As crianças da aldeia ARARUNA estudam na Escola Municipal de Ensino Fundamental da aldeia Ka'apor SÍTIO NOVO. Muitas vezes as crianças deixam de ir às aulas por falta de transporte. Não existe transporte escolar e quando chove e tem vento forte o rio fica com as águas muito agitadas podendo facilmente virar as pequenas canoas a remo que as crianças utilizam. Para o transporte escolar, Bené Tembé acredita que uma voadeira com motor de 25 HP seria suficiente para realizar o trabalho.

A aldeia não dispõe de poço artesiano ou caixa d'água para armazenamento de água potável. Havia um pequeno poço de boca aberta que foi invadido pelas águas da última enchente do Rio Gurupi. No momento, os habitantes da aldeia ARARUNA consomem a água retirada diretamente do Rio Gurupi sem qualquer tratamento. Quando alguém adoece, recorrem ao posto de saúde e ao técnico em enfermagem da aldeia Ka'apor SÍTIO NOVO, porque não dispõem de serviço de saúde da

FUNASA na aldeia ARARUNA. Também a aldeia não tem energia elétrica nem rádio frequência para a sua comunicação com outras aldeias, com a FUNASA ou com a FUNAI. Estão completamente isolados. Para que possam mandar ou receber qualquer mensagem tem de remar até a aldeia Ka'apor SÍTIO NOVO ou andar cinco horas a pé até a aldeia SUÇUARANA.

ALDEIA KA'APOR SÍTIO NOVO

Fundada à margem direita do Rio Gurupi na Terra Indígena Alto Turiaçu é considerada uma aldeia polo para o povo Ka'apor. Está organizada ao modelo da maioria das aldeias Tembé. Há um campo de futebol com casas, escola, novo posto e antigo posto de saúde em volta. Conta atualmente com 15 casas e 62 habitantes. As casas possuem antenas parabólicas e TV em cores. Dispõe de poço artesiano construído pela FUNASA, posto de Paragominas, caixa d'água com capacidade de armazenamento de 5.000 (cinco mil) litros. Todas as casas recebem água encanada e tratada. Há um posto de saúde pequeno e de madeira que abriga um técnico em enfermagem com medicamentos básicos e um rádio frequência para a comunicação. O técnico em enfermagem atual é Aquizan Silva que trabalha na aldeia há seis anos, reside na cidade de São Miguel do Guamá, no Estado do Pará. Permanece 20 dias no posto de SÍTIO NOVO e folga 10 dias. Está nesse momento em tratamento da sua sexta malária. Não tem médico na aldeia. Se o paciente necessitar de outros cuidados médicos que a aldeia não possa fornecer ele é enviado para a cidade de Paragominas. Um novo prédio de alvenaria está a ser construído e abrigará o novo posto de saúde. Energia elétrica é fornecida por um motor movido a óleo diesel. E só funciona por um período, à noite. O combustível é custeado pela Prefeitura de Paragominas. Não tem estrada. Só alguns caminhos. Para seu deslocamento pelo Rio Gurupi utilizam uma voadeira com motor de 15 HP.

O Cacique da aldeia é o senhor Joãozinho Ka'apor e a Liderança da aldeia é seu filho Carlos Ishiru Ka'apor que também é um dos professores indígenas da aldeia. Carlos tem o curso de Magistério Indígena ministrado pela SEDUC do Pará e ensina a língua Ka'apor juntamente com mais uma professora. Ele próprio prepara as cartilhas na língua Ka'apor, tira cópias pagando do seu próprio bolso e distribui para os seus alunos, a SEMEC de Paragominas alega não ter recursos para confeccionar esse tipo de material didático.

A aldeia possui uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, a Escola Indígena PIAHU, construída pela Secretaria Estadual de Educação do Estado do Maranhão e

pela Secretaria Municipal de Educação de Centro Novo, ao qual a escola estaria subordinada. Entretanto desde o ano 2000, quem mantém a Escola Indígena Piahu com a contratação e pagamento dos professores, merenda escolar e material didático é a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Paragominas. A escola da aldeia oferece aos seus alunos estudo da primeira até a quarta série do ensino fundamental, os que terminam e precisam estudar têm de ir para outras aldeias como TEKOHAW e CAJUEIRO. A preocupação do Professor Carlos Ishiru Ka'apor é agora com a notícia de que a Prefeitura de Paragominas havia cortado sua ligação com a Escola da aldeia, passando tudo para o controle do município de Centro Novo. Mas até o momento não havia confirmação de nada e isso deixava todos os moradores da aldeia apreensivos.

SÍTIO NOVO é a aldeia mais importante para o povo Ka'apor do Rio Gurupi. As outras aldeias próximas são: ARAÇATIUA, XIEP e PARACURI.

O cacique Joãozinho Ka'apor tem 68 anos de idade e nasceu na aldeia PIAHU em Maracaçumé no Estado do Maranhão. Conta que a aldeia SÍTIO NOVO foi aberta por ele no ano de 1988. Antes disso morou por 21 anos na aldeia CANINDÉ com os índios Tembé, nessa época chefiava o posto indígena local João Carvalho o pinga-fogo. Casou-se com a senhora Aldenora, hoje com 60 anos de idade que era filha do funcionário do posto do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) de nome Elpidio Costa. Teve 14 filhos. E nos diz que sua mãe fazia remédio do mato e era a parteira do lugar.

A aldeia SÍTIO NOVO está localizada no município de Centro Novo do Estado do Maranhão. E para chegar, a partir de sua aldeia até a sede do município se faz necessário viajar seis horas de voadeira até a vila de Marujupema e depois aguentar mais seis horas de carro para chegar à cidade de Centro Novo.

A aldeia tem ainda muita caça e muito peixe. Uma casa de farinha comunitária com um forno funcionando. Pretende criar abelhas e plantar açaí. Tudo isso será possível porque a aldeia SÍTIO NOVO mesmo sendo da etnia Ka'apor e estando situada na Terra Indígena Alto Turiçu no Estado do Maranhão foi incluída no PROJETO TENETEHARA, que originalmente contemplaria apenas os povos Tembé do Rio Gurupi.

ALDEIA FAVEIRA

É comandada pelo Cacique Ezequiel Tembê de 48 anos. Atualmente tem duas casas de madeira e 15 habitantes. Uma das casas é coberta com telhas de barro e a outra coberta com cavacos de madeira. Tem poço artesiano com caixa d'água com capacidade para armazenar 2.000 (dois mil) litros de água, e foi construído pela FUNASA. A água distribuída não é tratada. Um motor movido a óleo diesel aciona a bomba para o poço artesiano e fornece energia elétrica para as duas casas.

Fica às margens do Rio Gurupi, a uma hora de viagem a partir da aldeia CAJUEIRO. Não possui escola nem posto de saúde. As crianças que estudam, em número de 7 (sete) frequentam a Escola Municipal de Ensino Fundamental Verônika Tembê na aldeia TEKOHAW. Vão a pé pelo caminho existente na floresta. Não existe estrada. Quando na aldeia alguém precisa de tratamento de saúde recorrem ao posto de saúde de TEKOHAW, que pode ser acessada de voadeira pelo Rio Gurupi. Fica a cerca de 20 minutos.

Na aldeia, os Tembê possuem roças de mandioca e também plantam: arroz, feijão e banana entre outras coisas. A caça é abundante na sua floresta e a pesca é farta no Rio Gurupi.

ALDEIA FLORIANO

Está registrada como aldeia Tembé desde o ano de 2005. Possui duas casas. Uma é de barro e a outra é de madeira. Ambas são cobertas de cavaco. Nas duas casas moram 11 pessoas. Não possui poço artesiano, nem caixa d'água, tampouco poço de boca aberta. Havia um, mas a cheia do Rio Gurupi acabou com esse poço. Atualmente consomem a água coletada diretamente de um igarapé próximo, sem qualquer tratamento. Tal fato leva ao aparecimento constante de diarreias nos habitantes da aldeia.

A aldeia FLORIANO não tem posto de saúde. A senhora Maria de Fátima atua como Agente Indígena de Saúde (AIS) e conta com medicamentos básicos. E grande parte das vezes os habitantes da aldeia fazem uso de medicação caseira e também de medicamentos que são extraídos da floresta como o leite de cuúba com mel de abelhas que é usado como anti-inflamatório.

Não há escola na aldeia. Atualmente nem uma criança frequenta a escola. Para os habitantes de FLORIANO a escola mais perto está localizada na aldeia Ka'apor SÍTIO NOVO. Também não tem gerador movido a óleo diesel para fornecer energia para aldeia. Apenas a casa do Cacique Manão Tembé possui energia elétrica fornecida por uma placa fotovoltaica. Essa energia também é usada para que possam assistir aos programas de TV via antena parabólica.

Não existe casa de farinha na aldeia. A pesca é abundante no Rio Gurupi e a caça também é outra fonte de alimento muito importante e constante na aldeia FLORIANO. O Cacique Manão Tembé é caçador, prefere caçar a pescar. Manão Tembé afirma que é exímio caçador de onças.

ALDEIA TEKOHAW

Os castelos medievais tinham quase sempre um fosso cheio de água que dificultava a entrada daqueles que fossem indesejados. Do mesmo modo, para se chegar até a aldeia TEKOHAW tivemos que atravessar uma ponte feita com troncos de árvores de diâmetro avantajado, dispostas no sentido longitudinal sobre um igarapé bastante largo, seco ainda nesta época do ano, mas que com certeza em tempos mais chuvosos teria um volume de água considerável. Um fosso medieval nesta época e neste local.

Fomos direto para a casa de apoio da FUNAI, construída nos mesmos moldes daquela da aldeia CAJUEIRO, ainda não fora terminada. Faltava o banheiro. E os quartos estavam cheios de material de construção. Era de madeira coberta com telhas de fibro cimento. Havia espaço de sobra para a acomodação de nossa equipe. Atamos nossas redes e fomos tomar banho e jantar.



Ramada da aldeia TEKOHAW

A Liderança Sérgio Muxi Tembé nos conseguiu uma vela de parafina que acrescida à lamparina, cujo combustível era óleo diesel, seria suficiente para que não ficássemos totalmente no escuro. TEKOHAW não tem energia elétrica direta. Tem um motor

diesel que fornece energia à noite por algumas horas, mas

que agora está com problemas. Tem poço artesiano construído pela FUNASA com bomba, motor e caixa d'água para 10.000 litros que fornece água para a aldeia. Todas as casas recebem água encanada e tratada.

Tem um posto de saúde muito bem cuidado, com acomodações amplas e limpas, banheiro e cozinha onde habita a técnica de enfermagem que presta assistência aos indígenas. A enfermeira Silvia dá assistência à aldeia. Foi no banheiro do posto de saúde que vários membros de nossa equipe foram banhar-se antes do jantar.

O jantar aconteceu na casa de Capara'i Tembé irmão e vizinho da Liderança Sérgio Muxi Tembé. Jantamos à luz de lamparinas e velas. Comemos arroz, farinha, salame, almôndegas. Todo o jantar foi preparado pela mulher de Capara'i que ainda presenteou a equipe com generosos pedaços de paca e uma quantidade respeitável de peixe moqueado. Foi um banquete à base de mandubé moqueado. Depois do jantar, Claudionor Dias e eu tomamos nosso banho na casa de Capara'i, uma ducha realmente reconfortante.

Ameaçava chover quando retornamos para a casa de apoio da FUNAI. Não choveu



Vista da Aldeia TEKOHAW

e pudemos admirar o céu Tembé com aquela enxurrada de estrelas.

Pela manhã, Jorge que dormira em um dos quartos com material de construção, reclamou que dormira pouco e muito mal. Foi atormentado por uma perereca que cruzou sua rede em saltos curtos e rápidos, caiu dentro de um

tambor que estava sem tampa e passou a noite saltando e dando

de encontro com a parede do tambor na tentativa de sair dali. Não conseguiu. Não bastasse isso, três ratinhos o fitavam e vigiaram-no por toda a noite com seus olhos brilhantes e orelhas que se agitavam toda vez que recebiam o jato de luz de sua lanterna. A noite demorou a passar.

O café da manhã foi na casa de Capara'i: café preto, biscoitos e manteiga, em quantidade suficiente para aguentarmos até a hora do almoço. Complementei minha dieta com meu chá e meus comprimidos de vitamina C.

TEKOHAW tem uma escola municipal de ensino fundamental muito bonita que recebeu o nome de uma valorosa guerreira detentora do conhecimento, da fala e da



cultura Tembé, Verônica Tembé. A escola tem três salas de aula independentes, em formato de pequenas ocas e cobertas com telhas de fibrocimento.

Lourival Tembé, Cacique Geral dos Tembé do Gurupi e Cacique da aldeia TEKOHAW é casado com a Capitoa Verônica Tembé.

Escola Verônica Tembé

Lourival e Verônica são o pai e a mãe da Liderança Sérgio Muxi Tembé e do guerreiro, caçador e contador de histórias, Capara'i Tembé.

TEKOHAW é a maior aldeia do Gurupi. Está organizada com o centro e praça principal sendo o campo de futebol. Em volta do campo estão a casa de apoio da FUNAI, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Verônica Tembé, o posto de saúde, a casa do Cacique Lourival Tembé, a casa da Liderança Sérgio Muxi Tembé, a casa do caçador Capara'i Tembé, a Ramada que tem ao seu lado a igreja em homenagem a São Benedito.

A igreja de São Benedito é uma pequena casa de madeira, pintada de azul com uma porta na frente, duas janelas laterais pintadas de amarelo, coberta com telhas de fibrocimento e assentadas sobre uma estrutura de tijolos. Sobre a porta, pintados, a imagem de São Benedito com o menino Jesus nos braços e mais acima a pintura de uma cruz. No ponto em que as tábuas se assentam sobre a estrutura de

madeira, emerge uma pintura triangular marrom causando de longe um efeito que dava a impressão de que a igreja estava cercada por uma grande cortina azul. Como a igrejinha está situada acima do nível do chão, um pequeno batente de cimento servia de degrau para facilitar o acesso para o interior da igreja com o piso



Igreja de São Benedito

cimentado. No interior, havia uma profusão de fios de nylon com fitas plásticas, com pequenas lâmpadas brancas e amarelas, testemunhas da festa de dezembro passado. Na lateral, muitos ramos de flores plásticas multicoloridas com faixas de material plástico amarradas à guiza de cortinas. Encostada ao fundo, uma bandeira vermelha com a pintura do santo e no alto escrito São Benedito.

A bandeira estava envolta por uma armação de varas que a tornavam rígida. Essa forma de preparar a bandeira sinaliza que ela foi amarrada no ponto mais alto do mastro enfeitado que é erguido durante a festa e derrubado no final. Chamava a atenção, um cacho de coco babaçu pintado de branco e enfeitado com papel celofane vermelho e azul. Apenas um instrumento de percussão, uma tuba, moderna estava pendurada na parede da igreja. Também no fundo estava instalado um altar no formato de oratório, como uma pequena casa de madeira sem a parede da frente, enfeitado de fios prateados, papel da cor de ouro e fitas, muitas fitas de todas as cores, que caíam do altar em direção ao chão. Dentro do oratório a pequena imagem de São Benedito esperava a festa de dezembro de 2010.

Em volta do campo de futebol ficam os prédios mais importantes da aldeia, a casa do Cacique Lourival Tembé, a de seu filho Capara'i Tembé, a do outro filho e Liderança Sérgio Muxi Tembé, e uma quarta casa de madeira coberta com palhas de ubim. A residência do Cacique Lourival Tembé é formada por uma casa cercada com palhas e coberta com telhas de fibro cimento na frente e outra casa de madeira coberta com palhas de ubim, atrás.

Capara'i mora com seus nove filhos e a esposa em uma casa de madeira pintada de azul, com uma barra vermelha, tendo três janelas e uma porta na frente, coberta com telhas de barro. Dentro da casa, as divisórias entre a sala, os quartos e a cozinha não chegavam até o teto. Na sala tem um sofá e um freezer vertical de duas portas.

A casa da Liderança Sérgio Muxi Tembé tem dois andares. O primeiro é construído em alvenaria pintada de uma cor tendendo para o creme com uma barra verde. Duas janelas e uma porta, ambas pintadas de verde. O segundo andar é de madeira e avarandado com uma cerquinha pintada de branco envolvendo toda a parte de cima. Está coberta com cavaco. Entre a casa de Capara'i e Sérgio Tembé está o poço artesiano e a caixa d'água para 10.000 litros construídos pela FUNASA.

A Escola Indígena Municipal de Ensino Fundamental Verônika Tembé é uma construção bem diferente das escolas até então vistas na TIARG. São três salas de aula independentes cobertas com telhado de fibro cimento vermelho de quatro águas como as ramadas Tembé e interligadas por passarelas com piso de cimento e cobertas com as mesmas telhas vermelhas. Todas as salas têm uma cerca de madeira com espaçamento entre as tábuas, pintadas de verniz e assentadas sobre uma base de tijolo servindo de barra e pintadas de azul. As cercas não medem mais do que um metro e meio de altura, deixando um grande vão para a circulação de ar. Talvez tenham problema de acústica, onde o barulho de uma sala de aula possa interferir na outra. O piso é revestido com lajotas de cor branca e uma porta pintada de azul comunica o interior da sala de aula com o exterior. Um quadro verde está fixado em uma parede branca ao fundo e sobre o quadro desenhos com motivos Tembé. Uma sala para a direção. É possível ver o banheiro masculino e o feminino. Existe um filtro grande para que os alunos possam ingerir água de melhor qualidade. Foi fundada em agosto de 2002. As paredes externas estão cobertas de pinturas com motivos Tembé e com escritos bilíngues: na língua Tembé e em português. Os motivos são os mais diversos: ritual da menina moça celebrada em TEKOHAW e homenagem à Capitoa Verônika Tembé.

A Ramada me parece bem mais antiga do que as outras já vistas. O telhado de folhas de ubim já apresenta o aspecto de bastante usado. Típica construção Tembé de quatro águas e apresenta uma inovação: tem arquibancadas de madeira no seu interior. Não é cercada. O piso é revestido de cimento e tem um salão bem amplo. É aqui que acontecem as reuniões da aldeia e as festas importantes, tanto rituais como a festa da menina moça quanto às festas profanas da festividade de São Benedito, com aparelhagens de som e muita cerveja gelada.

ALDEIA IKATU

Está situada entre as aldeias TEKOHAW e CANINDÉ. É composta por três casas com três famílias e oito pessoas habitando a aldeia. Duas das casas são de madeira e a terceira é de barro. Todas são cobertas com palha de ubim.

O Cacique é Sibá Timbira que nasceu na aldeia geral Timbira do TOCO PRETO no Estado do Maranhão e ocupa também na aldeia a função de Agente Indígena de Saneamento (AISAM). A função de Agente Indígena de Saúde (AIS) é exercida por Joaci Tembé que é filho da Liderança da aldeia SUÇUARANA e funcionário da FUNASA Valdecí Tembé. Não há posto de saúde. O AIS tem os medicamentos para atendimento básico. Os casos mais graves são atendidos no posto médico da aldeia TEKOHAW. Na época da estação seca os habitantes da aldeia IKATU bebem água captada diretamente do Rio Gurupi e que não é tratada. Isso tem levado ao surgimento de diarreias na população.

A FUNASA furou dois poços artesianos na aldeia. Os dois foram dados como inservíveis para o consumo porque a água captada continha uma quantidade muito alta de sal e de ferro. Um poço de boca aberta foi cavado. A cheia do Rio Gurupi acabou com esse poço. Foram obrigados a beber a água diretamente do Rio Gurupi.

Possuem dois geradores com motores movidos a óleo diesel. Um desses motores seria usado para acionar a bomba que extrairia água dos poços artesianos condenados ao abandono.

Não possui escola. Atualmente duas pessoas da aldeia IKATU estudam na Escola Municipal de Ensino Fundamental Verônika Tembé na aldeia TEKOHAW.

Em frente à aldeia IKATU, no Rio Gurupi está situada uma das maiores curiosidades daquelas paragens a “**pedra da mão d'onça**” que ostenta o que seria a marca de garras de uma onça de grande porte e nessa pedra também é possível encontrar desenhos até hoje não decifrados pelos Tembé.

A caça e a pesca são abundantes no rio e nas florestas ao redor da aldeia IKATU.

ALDEIA CANINDÉ

Das três grandes aldeias do Alto Rio Gurupi, a menor. Desarrumada e pouco cuidada. O campo de futebol fica logo na entrada da aldeia e não é o centro em torno do qual se arrumam as casas do núcleo central e local mais importante da aldeia. Uma escola de ensino fundamental está situada logo depois do campo de futebol.

O Rio Gurupi naquelas paragens é sem dúvida o trecho mais bonito que já vi. Do outro lado, já no Estado do Maranhão há praias e grandes pedras pontiagudas que rasgam as águas e se projetam para fora do rio, nestes tempos de poucas chuvas. As chuvas mal começaram. E um pouco antes dali, para quem viaja das bandas do TEKORAW, grandes corredeiras no Rio Gurupi desafiam a perícia dos pilotos das voadeiras dos Tembê.



Ramada da Aldeia CANINDÉ

A praça principal é perto do porto. Lá está o posto de saúde, com aparência de sujo, desbotado e mal cuidado dentre aqueles que conheço em terras Tembê, o mais abandonado. Algumas poucas casas de madeira cobertas com cavaco, outras em ruínas podiam ser vistas. A aldeia tem 15 casas e 70

habitantes. A Ramada fica ali na praça principal, bem perto da

margem do Rio Gurupi, nova e com piso recém arrumado, sob o seu telhado bem traçado de palha de ubim, descansam um cachorro e uma moto. Segurando o telhado havia uma estrutura bem interessante feita de madeira à semelhança de uma pirâmide invertida, criando um grande vão livre que aumenta a altura interna da Ramada. Logo depois da Ramada, indo para o porto e margeando o Gurupi

encontramos uma pequena barraca coberta de palha de ubim, e uma residência com a metade coberta de palha de ubim e aberta e a outra metade de madeira, e coberta com telhas de fibro cimento. Muitas fraldas enfeitam essa casa.

Perpendicularmente ao rio e do lado contrário à Ramada há uma casa de madeira coberta de telhas de fibro cimento com terreiro cheio de cordas repletas de fraldas brancas. Seguindo, encontramos uma casa com duas portas, sendo uma delas pintada de azul, coberta com telhas de barro com uma antena parabólica destacada, bem na frente. Do lado contrário ao rio uma casa de madeira pintada de azul e coberta com cavacos. Logo em seguida uma estrutura que parece ser a de uma casa em construção, de dois andares. Apenas a parte de cima estava fechada de tábuas, sem telhado e sem mais nada. Só se viam os esteios de madeira. Depois vem o posto de saúde, uma construção em alvenaria coberta com telhas de barro. A calçada em volta do posto de saúde está destruída e aparece cheia de touceiras de capim. Uma rampa leva à entrada na parte central, gradeada. As janelas e a porta estão pintadas de azul. Provavelmente teve uma barra azul na parede da frente. Estendia-se até um pouco acima do batente das janelas, agora apenas resquícios estavam visíveis. A barra sobrevivia como um painel de algum artista contemporâneo que meio bêbado exercitou sua arte na aldeia CANINDÉ.



Igreja de São Benedito em CANINDÉ

Perto da Ramada encontramos a pequenina igreja em homenagem a São Benedito. De madeira nova, sem qualquer pintura, está coberta com telhas de barro. Mostra o vão de uma porta e de duas janelas na frente. Não tem ainda nem portas nem janelas, no lugar da porta, algumas tábuas pregadas até a metade do vão, permitem observar o interior da igreja. Está assentada sobre uma estrutura de tijolos de

barro e cimento. O chão do interior é revestido de cimento. As tábuas que fecham a

parte de trás não chegam até o telhado, deixando dois vãos abertos. A parede está cheia de frestas que deixam passar a luz.

Vários fios com bandeirinhas de papel de diversas cores enfeitam a igrejinha. Ao fundo um pequeno altar construído de tijolos de barro sem reboco, encimado por um telhado que se assemelha a forma de um oratório. Alguns enfeites de papel azul e prateado, flores de plástico de várias cores, pequenas lâmpadas semelhantes àquelas que se usam para enfeitar as árvores de natal são vistas dentro do oratório. Dois tijolos dentro do oratório servem de suporte para os devotos colocarem suas velas quando fazem suas promessas e homenagens.

Um maracá, evidenciando a participação indígena, completa os adereços internos do altar. Perto das flores, olhando de frente, da direita para a esquerda vimos uma imagem de um São Benedito bem pequenininho e outra grande, ambas com o menino Jesus nos braços e ao lado da imagem maior, um São Sebastião mais avantajado do que as outras imagens. Uma bandeira vermelha e desbotada com a imagem de São Benedito sobre uma nuvem azul descansa encostada no altar. A bandeira está revestida com uma moldura de madeira que mostra que ela estava sobre o mastro erguido em homenagem ao santo. Estes itens sobreviventes da festividade de dezembro passado jazem perto de instrumentos modernos de percussão: duas tubas, um tambor menor e um pandeiro, que descansam sonolentos e displicentemente encostados na parede do fundo da igreja.

Paralelo ao Rio Gurupi, em frente à casa do Cacique Augustinho Tembê, restam mudas, porém altivas, duas estruturas de base retangular e saindo do centro uma projeção circular com um pequeno furo no centro. Entre as duas, uma terceira estrutura de cimento retangular se assenta sobre uma base de cimento. Da estrutura menor saem duas pequenas projeções que sustentam um pequeno canhão que aponta para o Rio Gurupi. Ninguém sabe contar para que serviram no passado. Está ali, velho e enferrujado como se fosse um soldado que teimosamente continuasse de sentinela, pronto para agir, ignorando totalmente o final de uma guerra que nem ele sabe se começou. CANINDÉ teria sido um posto avançado do exército? Por isso ali funcionou o posto indígena da FUNAI? Talvez. O posto indígena sempre

funcionou na aldeia CANINDÉ, só recentemente passou para a aldeia CAJUEIRO. Do antigo posto apenas está visível o piso. Todo o resto foi levado pelo tempo e pelo esquecimento.

Logo depois do posto de saúde fica a casa de Jailton Tembé, professor da aldeia, aluno do Curso de Formação de Professores Índios do Pará, ofertado pela SEDUC/PA, tem um casal de filhos ainda pequenos, e é casado com uma jovem senhora simpática e atenciosa que preparou nosso almoço. O lauto almoço aconteceu na sala da casa da liderança, enfeitada com adornos



Canhão na Aldeia CANINDÉ

e adereços fabricados pela esposa de Jailton Tembé. Dos enfeites constavam: saias rituais, capacetes, sutiãs, maracás e colares. Comemos com muito apetite a comida que levamos que foi arroz e salame frito. O tempero adicional foi a inclusão de paca frita, doação de Jailton Tembé. É uma caça de carne com sabor inigualável, excelente.

As únicas construções em alvenaria da aldeia são o posto de saúde e a escola. Perto do porto situa-se a casa de farinha comunitária, manual. CANINDÉ não tem energia elétrica direta. Tem um motor a diesel que está com defeito e não funciona. O Cacique Augustinho Tembé tem o seu próprio sistema de iluminação em sua casa com motor a diesel. O antigo sistema de distribuição de água, que provinha de um poço artesiano construído pela FUNASA com caixa d'água com capacidade para 10.000 litros foi destruído. Há uma bomba movida a motor à diesel que aciona a bomba. Os habitantes de CANINDÉ vão buscar sua água diretamente no poço. Um novo sistema de tubulação já foi instalado, mas ainda não está funcionando.

No posto de saúde, convênio com a prefeitura de Paragominas, trabalha o mês inteiro o técnico em enfermagem Elson Castro, originário da cidade de Ananindeua, Pará. Nele também atua a enfermeira Silvia que atende tanto CANINDÉ quanto TEKOHAW. O dentista Alexandre vai à aldeia uma vez por mês. No posto de saúde não há consultório dentário. O dentista traz sua maleta e ali faz extração de dentes e até obturação. Os casos médicos mais graves são enviados para a cidade de Paragominas. O contato com a FUNASA é feito via rádio frequência. A malária está presente na aldeia CANINDÉ, assim como há registro de casos de pneumonia e de pequenos acidentes, como cortes por terço e machado. Não há nenhum registro de Doença sexualmente Transmissível (DST). O posto de saúde distribui camisinhas aos interessados. E os indígenas as vão buscar e fazem uso do equipamento. No ano de 2009, CANINDÉ registrou três nascimentos e nenhuma morte. A aldeia conta com um AISAM que é o Cacique Quirino Tembé e com dois AIS: Edilson e Antonio.

ALDEIA BATE VENTO

Está situada abaixo da aldeia CANINDÉ descendo pelo Rio Gurupi. Tem três casas, sendo duas de madeira onde uma é coberta de cavaco e a outra coberta de palha e a terceira totalmente de palha. Nove pessoas moram na aldeia. Não possui poço artesiano. Tem um poço do tipo amazônico, de boca larga e uma bomba acionada por um motor movido a óleo diesel. A água é levada para uma caixa d'água com a capacidade de armazenamento para 3.000 (três mil) litros. A água distribuída é tratada e o responsável pelo tratamento é Diego Tembé, AISAM, liderança local e filho do Cacique Mundico Tembé. A agente Indígena de Saúde (AIS) é Patrícia. Na aldeia existem os medicamentos básicos. Outros casos mais complexos são levados para tratamento no posto de saúde da aldeia CANINDÉ ou para os hospitais da cidade de Paragominas.

A luz elétrica é fornecida por um gerador com motor movido a óleo diesel. Apenas em pequenos períodos noturnos. Na aldeia não existe escola, as crianças deslocam-se pelo Rio Gurupi até a Escola Municipal de Ensino Fundamental da aldeia CANINDÉ. A SEMEC de Paragominas fornece 50 litros de combustível por mês para que os estudantes cheguem até a aldeia CANINDÉ e retornem para a aldeia BATE VENTO. O barco é de propriedade da aldeia e não é transporte escolar oficial. Este ano o motor do barco quebrou e a SEMEC de Paragominas recusou-se a consertá-lo. Os cinco estudantes da aldeia BATE VENTO perderam o ano letivo. A liderança Diego Tembé que estudava a oitava série do Ensino Fundamental está entre os que perderam o ano.

A aldeia possui roças onde plantam mandioca, arroz, feijão, melancia. A pesca é abundante no Rio Gurupi e a caça é mais um dos elementos que contribuem na diversificação da alimentação dos habitantes da aldeia.

REUNIÃO NA ALDEIA CAJUEIRO

A reunião na aldeia CAJUEIRO começou às dezenove horas, logo depois que Claudionor Dias conseguiu montar o Data show para expor o PROGRAMA TENETEHARA. Muitos habitantes estavam naquele momento no salão da Ramada, entre eles: o Cacique Isidoro Tembé, a Liderança Reginaldo Tembé, a Liderança da aldeia SUÇUARANA Valdeci Tembé, Francisco Brasil da FUNAI, Gustavo Furini e Jorge pela empresa C-Trade, Heleno Couto da FUNAI, Sandro Abreu e Gilvandro Andrade, técnicos da ONG Vitória Régia e toda a nossa equipe.

Claudionor Dias começou mostrando, explicando e comentado os objetivos e metas do PROGRAMA TENETEHARA, falando dos benefícios que viriam para o povo Tembé do Gurupi, já traduzidos e sentidos através do pagamento da **Bolsa Floresta**. Também falou que a presença dos técnicos da ONG Vitoria Régia ali seria para o levantamento de possíveis reformas ou construções a serem feitas. Estava ali, também, um mestre de obras para a execução imediata dos trabalhos. Contou qual foi a origem dos recursos que estavam financiando o PROGRAMA TENETEHARA, que vieram do leilão da madeira retirada ilegalmente das florestas do Gurupi, na TIARG, e que foram apreendidos. Mas que os recursos eram finitos e só custeariam os projetos implantados e a implantar, até o mês de outubro de 2010.



Reunião na aldeia CAJUEIRO

Por essa razão teriam fatalmente de encontrar juntos uma outra fonte de recursos capaz de assegurar sua continuidade.

Com o dinheiro disponível seria possível reformar e melhorar a Ramada, uma nova casa de farinha mecanizada seria construída e a antiga, reformada. Os técnicos ouviriam e orientariam aqueles que desejassem retomar

ou iniciar a produção de mel. A criação de pequenos animais como galinha e porco também estavam contemplados no PROGRAMA TENETEHARA. A criação de peixes em cativeiro era uma possibilidade real, já que a Prefeitura de Paragominas assegurara a compra de toda a produção da aldeia para a merenda escolar. Também o aumento das roças incrementaria o aumento da produção de farinha.

Houve a intervenção de várias pessoas presentes, onde o mais frequente e incisivo foi a Liderança da aldeia CAJUEIRO Reginaldo Tembé e a Liderança da aldeia SUÇUARANA Valdeci Tembé. Reginaldo Tembé foi muito claro quando afirmou que não interessava a criação de peixes em cativeiro, para ele o Rio Uraim assegurava toda a produção de pescado de que necessitavam. Questionou a falta de pagamento para algumas pessoas que trabalharam na última reforma da Ramada. Acreditava ser importante procurar uma alternativa para a continuidade de PROGRAMA TENETEHARA.

Valdeci Tembé também comentou que o fato de criar peixes em cativeiro seria um incremento para a venda e não apenas para o consumo dos habitantes das aldeias. Ele particularmente queria criar peixes, sua mãe voltaria a criar frangos e seu pai, cacique da aldeia SUÇUARANA gostaria de ter uma criação de porcos. Vários participantes da reunião se manifestaram dizendo o que gostariam de fazer nas ações dentro do PROGRAMA TENETEHARA. Uma das coisas que não queriam fazer era participar de grupos para a criação de galinhas, por exemplo. As ações desenvolvidas seriam de forma individual onde cada um seria o responsável pela sua atividade. As ações coletivas implantadas anteriormente não deram certo. O cacique Isidoro Tembé não se manifestou.

Claudionor Dias voltou a falar, disse que uma das ideias para assegurar a continuidade dos recursos financeiros para o financiamento das ações na TIARG seria a venda pelos Tembé de créditos de carbono acumulados pela floresta. Para explicar o que era isso, algo completamente novo, estranho e imaterial, para os indígenas, convidou para usar da palavra Gustavo Furini da empresa C-Trade.

Gustavo apresentou-se, falou o que era a empresa C-Trade e com o auxílio da projeção feita pelo data show, usando material produzido para uma palestra feita

anteriormente em Belém começou a falar sobre crédito de carbono, falou a respeito de mercado alternativo e enveredou por uma fala técnica. Falou sobre poluição, efeito estufa, mudança climática, acumulação de carbono, gases de efeito estufa. Pediu o auxílio do técnico Jorge que seria o responsável pela delimitação da área e pelo cálculo da quantidade de carbono estocado. Falaram por cerca de 20 minutos. Pelas aldeias apenas Reginaldo e Valdeci intervieram. Ao final ficou a impressão de os espectadores não entenderam absolutamente nada. Continuaram sem saber o que seria vendido e para quem. Acreditaram piamente que aquele gaúcho alto, claro e de fala diferente fosse um dos americanos que estavam querendo comprar esse tal de crédito de carbono.

Após as discussões sobre carbono, Francisco Brasil começou a falar sobre o decreto presidencial que preconizava as mudanças em toda a estrutura da FUNAI. Os prováveis benefícios e dificuldades da mudança além das incertezas sobre os novos tempos que estavam para chegar. Falou também da parceria da FUNAI nessa nova proposta de venda de créditos de carbono juntamente com o Ministério Público e a Universidade Federal do Pará. Justificou o fato de a FUNAI não estar de acordo com a proposta surgida há algum tempo atrás que tentava vender para estrangeiros créditos advindos do sequestro de carbono. Que não prosperou e os indígenas que pensavam que ficariam ricos acusaram a FUNAI de tê-los mantidos na pobreza.



Reunião na aldeia CAJUEIRO

A reunião terminou, voltamos para a casa de apoio. Algumas pessoas foram comer peixe cozido (mandubé e traíra) preparados por Heleno Couto. Começamos a atar as redes para dormir. Nosso pessoal que estava na casa de apoio da FUNAI deportou Sandro Abreu para que

dormisse na Ramada. Na noite anterior poucos puderam pegar no

sono tal era a potência do ronco do Sandro. Gustavo, Jorge e Gilvandro foram seus

acompanhantes solidários na dormida na Ramada. Fiquei trabalhando em meu computador. Todos dormiram. Lá pela meia-noite desliguei o notebook, apaguei as luzes e na minha rede verde de garimpeiro, debaixo de meu mosquitoireiro amarelo, com o auxílio de minha pequena lanterna movida à energia fotovoltaica, comecei a ler o livro “O velho que lia romances de Amor” de Luis Sepúlveda.

AINDA NA ALDEIA CAJUEIRO

Pela manhã, depois do café, nova reunião da equipe com a comunidade. Esta era mais específica. Cuidava dos pormenores para a revitalização das atividades que há algum tempo haviam sido deixadas de lado, como: as roças, a produção de mel, a criação de galinhas e a criação de peixes em cativeiro. Também se discutiu a reforma da casa de farinha e a construção de uma nova e desta vez mecanizada. A reforma da Ramada foi definida.

EM DIREÇÃO A CANINDÉ

Saímos da aldeia Cajueiro por volta das onze horas da manhã. Viajamos até o limite da TIARG e pegamos a estrada que serpenteava entre as fazendas. Adentramos outra vez à Terra Indígena Alto Rio Guamá na região do Alto Rio Gurupi. Viajamos aproximadamente 39 quilômetros por entre a mata exuberante de propriedade dos Tembé. Aquela estrada estreita coberta de piçarra vermelha, com suas subidas e descidas em curva, seria, sem dúvida nenhuma, o local perfeito para um campeonato de Motocross ou mesmo parte de um imaginário Rali Paris/Daccar/TEKOHAW, pela dificuldade e originalidade. Essa estrada estreita fora construída por madeireiros.

Os Tembé da aldeia TEKOHAW viviam isolados, o acesso a sua aldeia era apenas pelo rio. Negociaram com os madeireiros, que construiriam a estrada e em troca ficariam com toda a madeira nobre da região por onde passaria a estrada. Não

sabemos até quantos metros do leito da estrada iam os direitos de exploração da madeira, mas o que se vê ainda são dezenas de pequenos ramais que partem do leito principal e seguem para dentro da floresta, tão longe que não se consegue enxergar o seu final. Imagino que a partir do momento que aquelas clareiras afastam-se do ramal principal, ramificam-se do mesmo modo que nossas artérias e veias capilarizam-se em nosso corpo. Não tenho nem como imaginar a magnitude de metros cúbicos de madeira que da TIARG tenham sido retirados.

Começamos a avistar roças já queimadas e plantadas com maniva e milho. Agora os Tembé vão até as suas roças de moto. Perto da aldeia TEKOHAW, mais roças. Entramos na aldeia apenas para comunicar o Cacique Lourival Tembé e a Liderança Sérgio Muxi Tembé que voltaríamos para dormir em TEKOHAW e no dia seguinte faríamos a reunião com a comunidade. Foi bom ter vindo, pois a aldeia nos esperava hoje para a reunião. Fomos à casa de Sérgio Muxi Tembé. Foi comunicado.

Retornamos à estrada, cada vez mais estreita e menos conservada. Seriam 13 quilômetros até chegarmos a aldeia CANINDÉ.

REUNIÃO NA ALDEIA CANINDÉ

Ficamos aguardando a chegada de Claudionor Dias e os técnicos da ONG Vitória Régia, Sandro Abreu e Genilson Andrade que partiram da aldeia CANINDÉ viajando de voadeira pelo Rio Gurupi. Passariam por várias aldeias para fazerem o levantamento das necessidades a serem executadas dentro do PROGRAMA TENETEHERA. Inclusive visitariam as aldeias de COCALZINHO e BATE VENTO que estão situadas às margens do Rio Gurupi, abaixo de CANINDÉ.

A reunião estava marcada para as três horas da tarde na Ramada, bem nova e bem construída. Sua construção era tecnicamente diferente da Ramada da aldeia CAJUEIRO e não é cercada. Pouco mais de 20 pessoas estão presentes à reunião. O Cacique Augustinho Tembé não está na aldeia, viajou para a cidade de

Paragominas, assim como também outros homens tinham saído para caçar. As Lideranças da aldeia estavam presentes: o jovem Jailton Tembé, filho do Cacique Augustinho Tembé, Leocádia Tembé, esposa do Cacique Augustinho e Antonio Frederico Tembé. Pela nossa equipe estavam: Claudionor Dias, Francisco Brasil, Gustavo Furini e os técnicos Sandro Abreu, Genilson Andrade e Jorge.



Rio Gurupi visto a partir da aldeia CANINDÉ

Durante a reunião Claudionor Dias explicou o PROGRAMA TENETEHARA. Não pode contar com o data show, porque não havia energia elétrica na aldeia. Falou sobre a **Bolsa Floresta**. As mulheres entrevistadas e toda vez que se referiam à bolsa a chamavam de “**mãe floresta**”. Portanto o PROGRAMA TENETEHARA já estava atuando ali, antes mesmo de nossa chegada.

Claudionor Dias acertou com os habitantes da aldeia CANINDÉ que os técnicos da ONG Vitória Régia e o mestre de obras ficariam e dormiriam na aldeia para fazer o levantamento do que iria ser melhorado ou implantado. Por exemplo: a casa de farinha estava localizada perto do porto, às margens do rio Gurupi, como os Tembé haviam colocado suas roças bem distantes da aldeia, a nova casa de farinha mecanizada deveria ser construída perto das roças, isso diminuiria o esforço que faziam para transportar a mandioca até a aldeia CANINDÉ para ser processada.

A Ramada também seria melhorada e as pessoas interessadas em retomar ou iniciar as atividades produtivas como a criação de porcos, criação de galinhas, produção de mel e a criação de peixes em cativeiro, teriam tempo de conversar com os técnicos para definir local e atividade. Claudionor Dias falou sobre a origem dos recursos que financiavam o PROGRAMA TENETEHARA e fez lembrar aos presentes que a bolsa floresta só estava garantida até o próximo mês de outubro, então, que teríamos que procurar uma fonte alternativa para manter, ampliar e

aumentar o valor da **Bolsa Floresta**. Lembrou que apenas as mulheres do Gurupi recebiam a “**mãe floresta**”, as mulheres do Guamá não recebiam tal ajuda. Talvez com uma nova e permanente fonte de recursos a bolsa poderia ser estendida para toda a TIARG. Disse que a venda de créditos de carbono poderia ser essa fonte tão ansiosamente buscada e para isso chamou o representante da empresa C-Trade.

Gustavo Furini e Jorge começaram a explicar para os participantes da reunião o que era crédito de carbono, como medir e para quem vender. Falaram por alguns minutos de forma bastante técnica sobre o crédito de carbono. Os Tembé presentes olhavam para eles incrédulos, sem esboçar qualquer reação. Denunciando que a fala feita pelos representantes da C-Trade não tinha sido decodificada. Eles não estavam entendendo absolutamente nada daquilo. Nem mesmo as lideranças que normalmente participam de reuniões fora da aldeia e de alguma forma já tinham escutado algo sobre o assunto demonstraram entender aquela fala.

Então Gustavo e Jorge pediram minha ajuda, como professor do Instituto de Ciências Biológicas da UFPA, e paraense nascido e criado na vila do Emboraí, uma povoação não muito maior do que a aldeia CANINDÉ, para que tentasse explicar o crédito de carbono para os indígenas.

Comecei falando sobre a vida, os seres vivos, o crescimento de animais e vegetais, dizendo que os seres vivos são formados por esse tal carbono. Fiz um exercício com os Tembé para que entendessem o que era o “gás”. Comparei com eles a cidade de São Paulo com a região do Gurupi, onde eles moram. São Paulo já fora vista por eles pela TV. Falamos que a cidade grande tem muitos automóveis, grande quantidade de fábricas. Lembrei que para as pessoas se deslocarem de carro, produzirem mercadorias nas fábricas eles liberavam fumaça para o meio ambiente. Nessa fumaça estava o gás carbônico.

Eles começavam a intuir que então venderiam fumaça para os americanos. Ora, continuamos, não iríamos queimar a floresta para vender fumaça. Então como faríamos? Se os americanos têm muitas fábricas, soltam enormes quantidades de fumaça para o meio ambiente e não davam sinal de que mudariam seu modo de

viver, fechando suas fábricas e abandonando seus carros, o que fazer? E para onde ia toda essa fumaça produzida?

Procurei fazer com que entendessem o tal efeito estufa e conseqüentemente as mudanças no clima, já sentidas na região do Gurupi. A TV mostrava inundações e secas onde não existiam antes. Frio intenso em determinadas regiões. Derretimento das calotas de gelo que estavam situadas nos polos do nosso planeta terra. E então disse a eles que parte daquela fumaça que continha carbono era usada pelas



Reunião na aldeia CANINDÉ

árvores para crescer. Logo, as árvores usavam a poluição para crescer. Desta maneira, era como se a floresta dos Tembé armazenasse, guardasse, estocasse carbono em botijões de gás. Cada árvore passaria a ser um botijão de gás. Então, os americanos produziam a fumaça lá no país deles e os Tembé a armazenariam aqui. Os americanos pagariam por esse serviço

Falamos também sobre os diferentes tipos de florestas do Gurupi onde podíamos encontrar mata nativa com árvores altas e de grande diâmetro, capoeiras altas, capoeiras baixas, açazais, áreas de arbustos, para que compreendessem que o carbono estocado pelas árvores variava em quantidade de acordo com a massa dos vegetais. Para isso deveria ser delimitada a área a ser medida e esse lugar jamais poderia ser desmatado porque teríamos de vender somente aquilo que tivéssemos. Poderíamos estabelecer um cronograma para medir de novo a quantidade de carbono estocado, pois árvores crescem e com isso estocam mais carbono. Logo a cada ano teríamos mais botijões de gás carbônico para vender. Parece que compreenderam um pouquinho melhor.

Jorge então retomou a palavra e explicou como faria para medir a quantidade de carbono estocado. Que voltaria à aldeia outras vezes e que iria precisar da ajuda

daqueles que conhecessem bem a floresta e daqueles que soubessem o nome das árvores na língua Tembé, por que pretendia fazer um inventário onde constassem as árvores mais nobres, seu nome científico, nome vulgar e nome na língua Tembé.

Jailton Tembé fez algumas considerações sobre o assunto. Alguns queriam saber sobre o roçado. Era proibido agora fazer roçado? Jorge explicou que não. Que os Tembé poderiam levar sua vida do mesmo modo. O que teriam de fazer era estabelecer a área que queriam preservar para vender o carbono estocado. Os roçados poderiam ser feitos em áreas fora dos locais marcados. Se alguém derrubasse a floresta demarcada, a quantidade de carbono vendida não seria de fato a existente, nós estaríamos mentindo, pois se no local nos vendêssemos 100 e fossemos desmatar, a quantidade já será menor, talvez 90. E algumas pessoas chamadas auditores viriam conferir a veracidade dos dados apresentados e que até de satélite se saberia que a área fora alterada. Os indígenas levantaram a questão de que poderiam continuar a plantar as suas roças nos lugares já desmatados usando a mecanização. Com isso não precisariam derrubar as áreas demarcadas para estocar carbono, aumentariam as áreas para cultivo e com isso teriam mandioca para processar e fazer farinha na nova casa de farinha.

Claudionor Dias retomou a palavra e complementou dizendo que com a venda de créditos de carbono, que possibilitaria a ampliação e o aumento do valor da Bolsa Floresta, a nova casa de farinha, o aumento da produção, provavelmente usando a agricultura mecanizada, a criação de frangos, de peixes, com a produção toda comprada pela prefeitura de Paragominas, conforme afirmou o prefeito Adnan Demachki, os Tembé do Gurupi não precisariam derrubar a floresta para vender a madeira por um preço vil. Teriam todas as ferramentas para buscarem o desenvolvimento de uma forma sustentável o que em última análise era o objetivo principal do PROJETO TENETEHARA.

Após essa discussão, Francisco Brasil foi relatar aos habitantes da aldeia CANINDÉ o decreto de reestruturação da FUNAI que extinguiu todas as chefias de posto indígena do Brasil e mudava radicalmente a FUNAI. Os indígenas reclamaram muito a ausência de transporte regular da aldeia para a cidade de Paragominas, para

fazerem compras para a sua sobrevivência e para que os aposentados e as mulheres se deslocassem e pudessem receber o dinheiro relativo à **Bolsa Floresta**.

A situação começava a ficar mais grave, em relação ao deslocamento, a partir desse mês de janeiro, quando as chuvas chegassem com maior intensidade, pois o volume da água vinda da chuva fazia com que os igarapés transbordassem e ficavam até um metro acima da estrada, tornando o transporte terrestre simplesmente impraticável. A única forma de chegarem a Paragominas era subindo o Rio Gurupi, entrando e subindo o Rio Uraim até o lugar denominado Merendinha, de onde seguiriam de caminhão até a cidade. Brasil disse que tentaria resolver ou amenizar o problema.

Claudionor Dias entrou na conversa e falou que através do PROJETO TENETE HARA já contatara o construtor naval Neguinho morador da vila do Gurupi para construir um barco que suportaria 7 toneladas e que serviria de transporte na época das chuvas mais intensas. O deslocamento seria o inverso iriam até a vila do Gurupi, descendo o rio e dela para a cidade de Paragominas ou outra cidade onde pudessem receber o seu dinheiro e a bolsa floresta. Os Tembé contestaram, afirmaram que seria muito difícil a gestão desse barco para atender todas as aldeias do Gurupi. Seria muito melhor se com o dinheiro previsto para a construção do barco, R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), vários pequenos barcos avariados nas aldeias pudessem ser consertados e postos a disposição das respectivas comunidades. A utilização de cada uma das embarcações seria definida por cada aldeia e não atrapalharia a vida de ninguém.

Claudionor Dias prometeu suspender a construção do barco pelo construtor Neguinho enquanto os técnicos fariam o levantamento dos barcos a serem consertados e valor a ser gasto. Se os recursos financeiros forem suficientes para cobrirem os gastos seria atendida a solicitação dos Tembé da aldeia CANINDÉ. Chegando-se ao acordo, a reunião terminou.

Já à noite, retomamos a viagem voltando para a aldeia TEKOHAW onde jantaríamos e dormiríamos. Na L200 vieram Adelson pilotando, Gustavo, Jorge, Francisco Brasil, Claudionor Dias e eu. Sandro Abreu, Gilvandro Andrade, Heleno

Couto o mestre de obras e Elias Temb , piloto da voadeira ficaram para dormir na aldeia CANINDÉ.

REUNIÃO NA ALDEIA TEKOHAW DIA 18 DE JANEIRO DE 2010

Começou por volta de oito e meia da manhã. Da nossa equipe estavam presentes: Francisco Brasil, Claudionor Dias, Gustavo Furini, Jorge e eu. Dos Temb  da aldeia TEKOHAW, dentre outros, estavam sentados no salão da Ramada: o Cacique Lourival Temb , Chico Rico ou Patiko Temb  sexagen rio detentor da cultura, do canto e da fala Temb , compositor e cantor de músicas na língua Temb , habitante da aldeia, mas que está prestando um serviço aos Temb  do Guamá na aldeia ITAPUTYR, Capara'i Temb  e a Liderança Sérgio Muxi Temb . Dezenas de habitantes da aldeia estão sentadas nas arquibancadas e debaixo de uma pequena casa coberta com palhas de ubim, anexa   Ramada e mulheres e crianças sentadas no chão na parte mais externa do salão.

Claudionor Dias iniciou a reunião falando do PROGRAMA TENETEHARA, seus objetivos e suas finalidades. Falou sobre a origem dos recursos que bancava todos os gastos, a  estando incluídos benefícios já então recebidos pelas mulheres da aldeia TEKOHAW e aldeias vizinhas na forma da **bolsa floresta**. Comentou a



Reunião na aldeia TEKOHAW

respeito da reforma da Ramada, onde acontecia a reunião, que também seria custeada pelos recursos do PROGRAMA TENETEHARA. Disse ainda que a constru o da nova casa de farinha e a reforma da antiga seria decidida na vistoria que os técnicos da ONG Vitória Régia fariam quando chegassem  

aldeia TEKOHAW vindos da aldeia CANINDÉ subindo o Rio Gurupi na voadeira pilotada pelo indígena Tembé Elias. Ainda com os recursos vindos do leilão da madeira retirada ilegalmente das florestas dos Tembé do Gurupi seriam reativados projetos esquecidos como a produção de mel e a criação de galinhas. A criação de peixes em cativeiro seria mais um item a ser acrescido à merenda escolar com a garantia de compra de toda a produção pela prefeitura de Paragominas. Também se dispôs a fazer gestões junto à Rede Celpa no sentido de agilizar a chegada de energia elétrica direta através do programa Luz para Todos, do governo federal. Mesmo com todos os ganhos para o povo Tembé do Gurupi e também do povo Tembé do Rio Guamá, os recursos só seriam suficientes para manter a bolsa floresta até o mês de outubro de 2010, afirmou Claudionor Dias, e que para aumentar os beneficiados estendendo o benefício para as mulheres da Região do Guamá ou mesmo para aumentar os valores pagos seria necessário e de forma urgente procurar outros meios para financiar a continuidade e o aperfeiçoamento do PROGRAMA TENETEHARA, e uma das ideias era exatamente a possibilidade de vender para o mercado norte-americano os créditos de carbonos originados pela manutenção em pé da floresta da TIARG. Também nessa reunião os Tembé levantaram a questão de que mulheres de fora das aldeias e não indígenas estavam a receber a **bolsa floresta**. Claudionor Dias pediu uma solução para o problema. Também falou sobre a construção do barco que serviria de transporte para o povo do Gurupi, principalmente das aldeias do polo exercido pela aldeia TEKOHAW e CANIINDÉ que ficavam isoladas à medida que as chuvas aumentavam em intensidade. Colocou em pauta a ideia surgida na aldeia CANINDÉ de reparar os barcos disponíveis nas aldeias de modo que viessem a servir a comunidade sem atrapalhar a vida das outras aldeias.

Sérgio Muxi Tembé é sem dúvida um militante dos mais conhecidos e aguerridos da causa Tembé. Tido como um hábil negociante de melhorias para o seu povo, participa de quase todas as reuniões e movimentos que ocorrem dentro da TIARG e fora dela, seja em Belém ou em Brasília. Sérgio Muxi Tembé adquiriu respeito e admiração pela coragem exibida nos enfrentamentos diretos com fazendeiros e madeireiros exploradores da terra e dos produtos da floresta da TIARG. É capaz de

sentar e negociar de igual para igual com prefeitos, deputados e grupos econômicos de toda sorte. Tem 38 anos de idade. Filho dos dois personagens mais emblemáticos dos Tembé do Gurupi nesta época: o Cacique Lourival Tembé e da Capitoa Verônika Tembé. É um indígena de pele bem clara, mais clara do que a dos Tembé comumente encontrados na região do Gurupi. De voz firme e incisiva, fala com desenvoltura e mostra ter conhecimento e informações sobre todos os assuntos ali discutidos.

Sérgio Muxi Tembé era quem de fato e de direito representava o povo da aldeia TEKOHAW. O Cacique Lourival Tembé, presente à reunião não pronunciou uma palavra sequer, sobre qualquer dos assuntos tratados naquele momento. Sérgio Muxi Tembé teceu longo comentário a respeito do PROGRAMA TENETEHARA, ele que participara das negociações e de todas as reuniões que envolveram as instituições parceiras como o Ministério Público Federal, o Governo do Estado do Pará e a Universidade Federal do Pará. Falou sobre a construção dos barcos e a possível reforma dos barcos parados e avariados das aldeias. Respondeu a Claudionor Dias sobre pessoas estranhas à vida da aldeia estarem recebendo a **bolsa floresta**, que a questão seria resolvida internamente em reunião entre eles e que a ONG Vitória Régia que faz o pagamento ou qualquer outra pessoa não deveria de maneira nenhuma opinar ou intervir sobre este ou aquele pagamento. A função da ONG Vitória Régia era receber a listagem elaborada pelos Tembé e pagar. Os erros, se por ventura existirem serão corrigidos e uma nova lista seguirá. Se tiver de retirar, os nomes indevidos serão retirados, se precisar acrescentar outros nomes serão acrescentados. Nenhuma mulher opinou sobre o assunto da bolsa. Capara'i Tembé falou sobre esses prováveis nomes de pessoas que não deveriam receber o pagamento e concordou com Sérgio Muxi Tembé na forma de conduzir o problema.

Claudionor Dias retomando a conversa sobre créditos de carbono chamou o representante da empresa C-Trade, Gustavo Furini para explicar o processo e falar aos habitantes do polo TEKOHAW. Gustavo Furini passou para mim a incumbência de falar aos Tembé, havia gostado do jeito como expliquei as coisas na aldeia CANINDÉ. Retomei a fala que fiz na aldeia CANINDÉ envolvendo seres vivos que

cresciam acrescentado carbono aos seus corpos, vimos o que era um gás, a contribuição em gás carbônico das indústrias norte americanas para o meio ambiente, o efeito estufa e as mudanças climáticas e ainda falei sobre a estocagem de carbono pelas florestas, no caso a floresta dos Tembé da TIARG, na forma de botijões de gás guardados para serem vendidos. Acrescentei a expressão usada por Jailton Tembé na reunião na aldeia CANINDÉ, não citada no relato anterior, que entendeu que a floresta do Gurupi “coaria”, do verbo coar, a poluição das fábricas norte americanas. Coar é filtrar, como se cõa o café quando feito em casa usando saco ou filtro de papel para separar o solido (pó, borra), do liquido, o café propriamente dito. Os Tembé guardariam a poluição dos países industrializados nas árvores de sua floresta e venderiam esse serviço aos interessados. A cada ano com o crescimento das árvores, teríamos mais carbono estocado para vender. Não parece ser um bom negócio?

Gustavo Furini retomou a palavra, falou sobre a empresa C-Trade, como procederia. Chamou Jorge que passou a explicar a maneira como faria a medição de carbono, disse que as áreas reservadas para a estocagem do carbono seriam definidas pelos Tembé e pediu a ajuda daqueles que conhecessem bem a floresta para acompanhá-lo nas amostragens que fará.

Os Tembé da aldeia TEKOHAW em princípio, nos passaram a impressão de que entenderam alguma coisa do que era e como funcionaria essa venda de créditos de



carbono. Levantaram questões do tipo: se preservar a floresta ainda se pode fazer roçados? Onde? Por que não poderiam mais desmatar? Jorge explicou que as atividades de roças, utilização de produtos não madeiráveis, como cipós, extração de resinas, a coleta de frutos seguiria normalmente. As áreas

Posto de saúde na aldeia CANINDÉ

delimitadas sim, não poderiam em hipótese alguma sofrer alterações porque implicaria na diminuição daquilo que estávamos vendendo e que tal fato poderia ser comprovado por auditores que visitassem a região e através do monitoramento via satélite. Se tal fato acontecesse, a comunidade seria desacreditada nacional e internacionalmente trazendo dificuldades para a concretização de novos negócios e com isso ausência de recursos financeiros para tocar novos programas de eco desenvolvimento a exemplo do PROGRAMA TENETEHARA.

Sérgio Muxi Tembé um dos mais esclarecido dos indígenas ali dos presentes, com todas as informações já acumuladas, falou sobre o assunto referindo-se a sequestro de carbono. Lembrou de uma mulher que em anos anteriores andou pelas aldeias alardeando grande projeto de sequestro de carbono a ser negociado com países estrangeiros, parece que com países europeus. Os Tembé passariam a ter muito dinheiro, ficariam ricos. Chegaram a vir às aldeias alguns estrangeiros para conhecer a área. Mas o processo não andou e os indígenas acusaram a FUNAI de ser contra o projeto e terem travado as negociações levando a extinção das propostas e deixando os Tembé cada vez mais pobres. Sérgio Muxi Tembé falava provavelmente a respeito do MDL advindo do Protocolo de Kyoto que previa a venda de créditos provenientes do sequestro de carbono pelas florestas. O MDL refere-se ao sequestro através do florestamento e reflorestamento, não ao desmatamento evitado ou REDD ao qual a C-Trade estava a tratar. Sérgio Muxi Tembé continuou a falar que a proposta atual é diferente, a do sequestro de carbono não foi transparente nem fora tratada nas aldeias em conversa com os indígenas. Entendia que a presença de representantes da C-Trade na aldeia TEKOHAW e a provável volta do técnico Jorge para as medições reforçavam a seriedade com a qual está sendo tratada a questão. Prontificou-se a auxiliar no processo seguinte, não só ele, mas, todos os caçadores e guerreiros da aldeia. Citou o fato que se o carbono acumulado fosse vendido, seria um elemento decisivo para que os Tembé do Gurupi parassem definitivamente de retirar e vender a madeira das suas florestas.

Capara'i Tembé falou que os roçados poderiam continuar a serem feitos nas áreas já usadas para tal, e que se poderia pensar em mecanizar as áreas para que pudessem ampliar suas culturas. Mas entendia que a caça poderia continuar a ser

praticada na floresta demarcada e protegida, pois não alteraria em nada, ou seja: a caça não contribui para o desmatamento.

Os Tembé presentes na aldeia TEKOHAW concordavam com a proposta de venda pela empresa C-Trade do carbono acumulado pela floresta do Rio Gurupi.

Estava presente nessa reunião, também o Cacique Joãozinho Ka'apor, da aldeia SÍTIO NOVO, situada no outro lado do Rio Gurupi no Estado do Maranhão. Claudionor Dias pediu a aprovação dos habitantes da aldeia TEKOHAW para auxiliar com parte dos recursos do PROGRAMA TENETEHARA aos indígenas daquela aldeia. Ninguém se manifestou contra.

Aproveitei a oportunidade para informar aos presentes que a Universidade Federal do Pará (UFPA) estava viabilizando o vestibular especial para os indígenas de todo o Brasil, dentro do sistema de cotas aprovado pelo seu Conselho Superior da Universidade em que previa em cada um dos cursos ofertados em toda a Universidade duas vagas só para indígenas. Se as vagas não forem preenchidas elas automaticamente se extinguiriam. Os indígenas fariam uma redação e um exame especial aplicado por uma banca de professores. Os habitantes ainda não têm na sua aldeia curso de ensino médio, estão lutando para isso.

Francisco Brasil passou a falar sobre o decreto que muda a estrutura da FUNAI e extingue todas as chefias de postos indígenas do Brasil. Discutiram bastante e os indígenas reclamaram da ausência da FUNAI na região sugeriram que Juscelino Bessa ou Francisco Brasil estivessem mais vezes na aldeia. Francisco Brasil disse que iriam tentar atender à solicitação.

Terminada a reunião, fui com Chico Rico conhecer a ala onde vive sua família, seus filhos, netos e bisnetos. Pirimina, sua mulher tecia uma "tipoia", artefato destinado a transportar crianças que ainda não andam e estão em período de amamentação. É colocada na mulher do mesmo modo como a faixa é colocada na moça que vence um concurso de beleza. A criança na tipoia tem fácil acesso ao peito da mãe e a mesma fica com pelo menos uma das mãos livres para executar outras tarefas. A tipoia que estava sendo tecida no tear de Pirimina era de fios de algodão branco

com duas listras vermelhas. Encomenda de sua prima que estava esperando neném.



Na estrada rumo a aldeia TEKOHAW

Almoçamos na casa de Capara'i Tembé, nosso macarrão, arroz e carne em conserva e nos preparamos para a viagem de retorno para a cidade de Paragominas.

Antes de voltar para a casa de apoio da FUNAI, Claudionor Dias apresentou-me à Capitoa Verônika Tembé. A anciã de cabelos brancos e debilitada pela idade, mas apresentando a

altivez e a força de uma Capitoa Tembé. Estava deitada em sua rede, conversou conosco e fez alguns pedidos para Claudionor Dias. Beijamos sua mão como se pedíssemos sua benção e nos despedimos.

Saímos da aldeia TEKOHAW às três horas da tarde. A L200 tem cinco lugares. Somos seis pessoas. Francisco Brasil e Claudionor Dias resolveram que viajariam na carroceria. Na cabine seguiam, portanto Adelson, pilotando, Gustavo Furini, Jorge e eu. Assim que entramos na estrada dentro da floresta que nos levaria para fora da TIARG começou a chover, e chover forte. Emprestei meu chapéu para Francisco Brasil, melhorou um pouco. Foram duas horas e meia de viagem até a Merendinha. Os dois chegaram totalmente molhados. Paramos para lanchar e usar os banheiros. Claudionor Dias e Francisco Brasil colocaram roupa seca e nos arrumamos todos na cabine e prosseguimos a viagem. Chegamos às oito da noite na cidade de Paragominas.

SEGUNDA ENTRADA PARA AS ALDEIAS DO GURUPI.

REUNIÃO NA ALDEIA TEKOHAW NO DIA 30 DE JANEIRO DE 2010

Dia 30 de janeiro de 2010, na aldeia TEKOHAW começa uma das reuniões mais importantes da história contemporânea dos Tembé do Gurupi. Todos os Caciques, Capitoas e Lideranças deveriam estar ali presentes para discutir a criação de uma Associação Indígena que passaria a gerir a vida dos habitantes do Gurupi, sendo inclusive a Instituição que negociaria os créditos de carbono advindos do Desmatamento Evitado (REDD) e gerenciaria e fiscalizaria a aplicação dos recursos obtidos com essa venda.

Saímos da casa de apoio da FUNAI na aldeia CAJUEIRO pela manhã bem cedo, por volta de seis horas. Viajamos na voadeira pilotada com perícia e propriedade por Elias Tembé. Na embarcação estava: Cacique Augustinho Tembé da aldeia CANINDÉ, Juscelino Bessa, Coordenador Regional da FUNAI em Belém do Pará, Claudionor Dias, Coordenador do PROJETO TENETEHARA e eu. Seguimos pelo Rio Uraim ou Uruaim ou ainda Urua'i, para os Tembé, até alcançarmos o Rio Gurupi. Chegamos à aldeia TEKOHAW mais ou menos oito horas da manhã.

Na Ramada já estavam acomodados na arquibancada e em cadeiras, aproximadamente 60 indígenas, vários Caciques, Capitoas e Lideranças. Mas, alguma coisa estava acontecendo. Estavam agitados, falando muito entre si e reunindo em pequenos grupos. Soubemos então que foram avisados pelo rádio frequência que a aldeia mais abaixo no Rio Gurupi, próxima ao limite da TIARG, a aldeia BATE VENTO fora invadida por colonos de uma vila próxima chamada de Marajupema. Os invasores teriam chegado armados e atirando na aldeia. Estava instalado o problema. Valdeci Tembé pediu a palavra e comunicou o que estava acontecendo e solicitou aos Caciques que decidissem como proceder. Decidiram enviar um grupo de 15 guerreiros de voadeira até a aldeia BATE VENTO. Rapidamente os guerreiros armaram-se com espingardas cartucheiras, arcos,

flechas e tacapes e seguiram para reagir à invasão. Juscelino Bessa garantiu o combustível para a missão.

Das autoridades indígenas do Gurupi, estavam presentes à reunião: **O Cacique Geral Lourival Tembé** e a Liderança Sérgio Muxi Tembé pela aldeia TEKOHAW, o Cacique Simbá Timbira da aldeia IKATU, a Liderança Reginaldo Tembé e a Capitoa Célia Tembé da aldeia CAJUEIRO, os Caciques Augustinho Tembé e Quirino Tembé da aldeia CANINDÉ, a Liderança Valdeci Tembé e a Capitoa Brasilice Tembé da aldeia SUÇUARANA, o Cacique Bené Tembé pela aldeia ARARUNA, o Cacique Manão Tembé pela aldeia FLORIANO, o Cacique Luizinho Tembé e a Capitoa Mariquinha Tembé pela aldeia COCALZINHO, o Cacique Mundico Tembé e a Liderança Diego Tembé pela aldeia BATE VENTO, o Cacique Codó Tembé e a Liderança Lidemar Tembé pela aldeia ANOIRÁ, o Cacique Ezequiel Tembé pela aldeia FAVEIRA e o Cacique Joãozinho Ka'apor e a Liderança Carlos Ka'apor da aldeia Ka'apor SÍTIO NOVO, situada do outro lado do Rio Gurupi na Terra Indígena Alto Turiaçu, no Estado do Maranhão.

Inicialmente a reunião estava a ser conduzida pelo organizador da comunidade de TEKOHAW, Poluta Tembé. Solicitei a ele permissão para gravar em vídeo a reunião. Respondeu-me que consultaria os líderes ali presentes e me daria a resposta. As discussões iniciam e Poluta não me diz se estou ou não autorizado a filmar. O indígena Txina'i Tembé, professor de língua Tembé da Escola Municipal de Ensino Fundamental Verônika Tembé da aldeia TEKOHAW faz um discurso enfático e exigente na língua Tembé, denota-se pela forma incisiva e firme de falar, e no final traduziu para o português. Queria saber se a comunidade indígena ali reunida autorizava ou não a presença de não indígenas na reunião, e se eles podiam se manifestar ou não, já que os assuntos a serem tratados diziam respeito apenas aos Tembé. Lê em um cartaz feito em uma cartolina branca, escrito com letras azuis, uma relação de assuntos a serem tratados na reunião. Pede contribuição aos presentes para poder acrescentar temas que os indígenas gostariam de discutir e que não estavam ali contemplados.

Reginaldo Tembé pede que os assuntos listados sejam ordenados de acordo com as prioridades e que a comunidade pode eleger e solicita que Txina'i Tembé

acrescente a questão fundiária e a preservação das florestas. Sérgio Muxi Tembê quer discutir os modelos de Estatutos de diferentes Associações para ver qual deles pode ser o adequado para a situação.

Reginaldo Tembê solicita que seja definida pelos participantes a ordem dos assuntos a serem discutidos para que os trabalhos sejam iniciados. Juscelino Bessa sugere que se iniciem os trabalhos pela discussão do Estatuto da Associação. A comunidade aceita a sugestão.

Claudionor Dias pede a palavra e começa a explicar o que é uma Associação, seus deveres, suas dificuldades e usa como exemplo as associações já existentes na região do Rio Guamá. Afirma que assim procede para que os presentes possam escolher aquele modelo que seja mais conveniente para os Tembê.

Reginaldo Tembê comunica para a Assembleia que tem uma sugestão para o tipo de Associação a ser constituída. Propõe que seja criada uma Associação para cuidar exclusivamente da guarda e dos negócios do carbono. As outras questões diferentes desse assunto seriam resolvidas de acordo com a vontade e com as decisões tomadas em cada uma das aldeias. Afirma que quer unir e não dividir, que quer andar para a frente e não para trás. Diz que o assunto do carbono é uma coisa nova para os Tembê. É coisa que os indígenas não podem ver e nem podem pegar. E que nenhum dos Tembê ali presentes sabe muito bem o que vem a ser isso. Juscelino Bessa comenta que os Tembê são pouco numerosos. Que uma Associação para cuidar apenas do carbono dificultaria as ações a serem desenvolvidas na região. Teriam que formar outras Associações para cuidar dos outros temas. Não teriam pessoas das aldeias suficientes para gerenciar todos esses assuntos. Além disso, não haveria nas aldeias pessoas que pudessem dar assessoria para tantos grupos. E que provavelmente precisariam de muitas pessoas de fora para ajudá-los. Que pensassem bem sobre isso.

Claudionor Dias retoma a palavra e discorre sobre organização. Que a Associação teria, em princípio, que ser ampla. Se aumentassem a sua produção de qualquer coisa, como farinha, peixe ou frango e pensassem em vender para o governo teriam de ter ou pertencer a uma Associação que pudesse representar a todos os Tembê. Valdeci Tembê afirma ter 44 anos. Quer falar sobre autonomia. Diz que quem vier a

assumir o comando da Associação não deveria ser necessariamente um Cacique ou uma Liderança. Contou um caso que ocorreu com Jacinto Temb , ali da aldeia TEKOHAW que organizou jogos na aldeia e foi em busca de recursos financeiros junto ao governo estadual. O secretário concordou com a solicita o e com os valores e pediu o número do CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica) e a conta bancária para repassar o dinheiro. Que podia gastar como quisesse. Jacinto Temb  até hoje não recebeu um centavo porque não pertence a nenhuma Associa o e conseqüentemente não tem CNPJ. Valdeci Temb  quer a funda o de uma Associa o que possa estar legalizada, tenha um CNPJ para que os recursos do governo possam vir para as aldeias. Valdeci Temb  continua a falar e lembra a todos que sua tia Verônika Temb , que não se encontra ali por estar muito doente, sempre esteve a frente de todas as organiza es e acontecimentos relevantes para o povo do Gurupi. Foi tão importante também porque há algum tempo atrás ali não existiam os Temb , não viviam na região que hoje habitam. Foi tia Verônika Temb  quem trouxe os Temb  da cabeceira do Rio Gurupi e do Maranhão para morarem no que hoje é a TIARG.

Valdeci Temb  também concorda com Juscelino Bessa e acredita ser difícil fundar uma Associa o para cuidar somente dos assuntos do carbono. Diz que agora os madeireiros v o começar a passar em frente a aldeia TEKOHAW pelo outro lado do rio na terra Ka'apor. Por essa razão os Ka'apor estão participando dessa reunião e querem unir-se aos Temb  e pretendem participar dessa associa o. Diz também que assim que for fundada a Associa o, a mesma terá que ter obrigatoriamente acompanhamento rápido e continuado para evitar que ela possa ter problemas. Afirma também que através da Associa o pode buscar recursos em várias fontes como, por exemplo, no Fundo Amazônia, mantido pelo Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES) que tem dinheiro para financiar projetos que visem manter a floresta em p . Conclui dizendo que é preciso preparar pessoas para assumir a Associa o. Mesmo que não tenham experiência, aprenderão. Que as Lideranças atuais já começam a ficar velhas e que precisam dividir as responsabilidades com outros mais jovens. Que as Lideranças atuais também não sabiam nada quando começaram. Os mais velhos poderiam auxiliar os mais novos

no início. A Associação deveria ser presidida por um Tembé que tivesse tempo e não tivesse as obrigações dos Caciques e das Lideranças para que pudesse se dedicar exclusivamente para a Associação a ser criada.

Reginaldo Tembé aproveita o momento para apresentar a Capitoa Célia Tembé, recém-eleita na aldeia CAJUEIRO e que estará à frente das atividades desenvolvidas pelas mulheres na sua aldeia.

Até nesse momento ainda estou com todos os meus equipamentos desligados. Proponho a Sérgio Muxi Tembé que consulte a comunidade sobre a possibilidade de filmar a reunião que seria um documento para o meu trabalho de pesquisa do doutoramento, já que eu acompanho o processo de participação dos Tembé na venda de crédito de carbono e ao mesmo tempo seria um documento histórico para os Tembé que poderiam ter um registro em vídeo de um momento memorável e único da sua organização para o desenvolvimento de sua comunidade. Fico mais tranquilo, a Assembleia concorda que eu grave em vídeo a reunião.

Sérgio Muxi Tembé levanta a questão referente aos direitos autorais, na verdade quer dizer direitos de imagem. Lembra que algumas pessoas estiveram na aldeia TEKOHAW, realizaram uma oficina sobre artesanato, fotografia e outros saberes Tembé, levaram todas as coisas resultantes para Belém e estavam vendendo. Não é a favor de alguém usar a imagem sem pagar.

Juscelino Bessa fala sobre a música ARARUNA utilizada na trilha sonora do filme “Chove nos campos do Senhor”. Os produtores pagaram os direitos autorais para os índios Parakanã. Soube-se depois que a música é Tembé. O que fazer?

A discussão sobre direitos autorais refere-se à minha permissão de gravar em vídeo a reunião e depois vender essas imagens para terceiros. Explico mais uma vez a comunidade que estudo a possível venda de crédito de carbono pelos indígenas e que estudar a organização Tembé faz parte do meu projeto de doutoramento e que disponibilizarei uma cópia da fita aos Tembé. Parece que ficam mais calmos e não se dirigem mais a mim. Nem mais falam sobre os direitos autorais. Estamos

acertados. Vai começar de fato a Assembleia Geral dos Tembé do Gurupi do dia 30 de janeiro de 2010 na aldeia TEKOHAW.

O Cacique Geral Lourival Tembé faz a abertura oficial da Assembleia Geral falando na língua Tembé. Sérgio Muxi Tembé faz a tradução para o português. Conclama a comunidade a exercitarem a união, a seguirem juntos em busca dos seus direitos. Cada um Tembé e cada Instituição têm de assumir a sua responsabilidade. Diz que a FUNAI está fazendo a sua parte.

Juscelino Bessa é instado a começar a reunião com os informes para a Assembleia. Afirma que na região do Guamá só havia 5.000 hectares de terra degradados e que 15.000 hectares foram autorrecuperados. E que a TIARG que possui uma área de 279.000 hectares apresenta no total 59.000 hectares transformados em roça e em pasto para gado. A justiça obrigou a empresa COSIPAR a reflorestar 32.000 hectares em razão de suas atividades que envolvem o uso de carvão e que a região escolhida pela FUNAI foi a do Rio Guamá. O projeto estava suspenso no momento, mas, tinha tudo para dar certo. Após vencer esses entraves o reflorestamento começaria. Além disso, os Tembé tinham nessa semana obtido uma grande vitória na justiça. O Superior Tribunal de Justiça (STJ) em Brasília havia negado provimento à ação movida pela família Mejer que tem uma fazenda com 9.000 hectares na TIARG. Os Mejer teriam de entregar imediatamente essas terras aos verdadeiros donos. A FUNAI teria de urgentemente definir com os Tembé uma forma para a ocupação do local.

Juscelino Bessa também propõe a confecção de uma cartilha bilíngue, em português e em Tembé. Solicita minha ajuda para realizar esse projeto. Concordo com a ideia. Continua e afirma que a “questão do carbono é muito maior. Não está desvinculada da questão fundiária. Isso implica as ocupações territoriais que fatalmente aumentam as áreas desmatadas”.

Juscelino lembra um pouco da história recente dos Tembé para a Assembleia. Diz que foi somente a partir do ano de 1994 que os Tembé do Guamá começaram a serem ouvidos pela administração regional da FUNAI. Em 1973 começou a demarcação das terras dos Tembé, porém as cadernetas com as anotações foram

perdidas. Em 1990 com a participação incansável do chefe de posto indígena Chico Potyguar da aldeia CANINDÉ no Gurupi e Dilson Marinho chefe do posto indígena do Guamá retomaram as buscas pelos documentos relativos à demarcação e conseguiram encontrar as cadernetas com as anotações que estiveram tanto tempo perdidas. Somente no ano de 1993 é que foi homologada a TIARG pelo Presidente da República Itamar Franco. Todos esses acontecimentos e essa descontinuidade favoreceram a ocupação das Terras dos Tembé por colonos, fazendeiros, madeireiros e plantadores de maconha. Cabe agora aos Tembé estarem organizados para defenderem os seus interesses e conseguirem recursos financeiros para o investimento na região e assim poderem melhorar suas condições de vida.

Paramos para o almoço.

Quem está encarregado das coisas da cozinha é o Tembé conhecido por Sapo. Ele é estudante do curso de formação de professores. Sapo comanda um grupo de mulheres que supre permanentemente a Assembleia com duas garrafas térmicas cheias de café, que é distribuído a todos que desejarem tomar um pouco. A cozinha é um pequeno barraco aberto e coberto com palhas de ubim logo ao lado da Ramada. De baixo da barraca fica uma mesa de madeira onde são colocadas as panelas contendo o feijão, arroz, farinha de mandioca, sucos e as panelas com peixe cozido, peixe frito, cozido de mutum e jabuti preparado ali mesmo. Para lavar as louças há um pequeno jirau de madeira com uma torneira. No chão da barraca quatro pedras médias cercam o fogo feito com lenha (pedaços de madeira seca) e sobre elas estão dispostas grelhas de ferro que servem de suporte para as panelas com a comida a ser preparada. No almoço de hoje comeremos um cozido de pirá (peixe) matizado com as cores e gostos de vários peixes diferentes: tucunaré, piranha, traíra, piranambu, pintado ou surubim, pacu e etc.

Assim que a reunião foi suspensa, duas mesas grandes foram dispostas no centro da Ramada. Sobre elas foram colocados os pratos feitos com arroz, feijão, peixe cozido e peixe frito. A farinha estava em um recipiente de plástico com uma colher

para que cada um colocasse no seu prato a seu modo e a seu gosto. Cada um pegava o seu prato e comia onde melhor lhe parecia.

Não almocei com os outros na Ramada. Me dei bem com o pessoal da cozinha. Lá eu pude escolher o peixe que comeria e escolhi surubim com arroz e um pouco de farinha. O sabor daquele peixe era a somatória desse caldo misturado ao matiz e à fartura do Gurupi representado naquela panela.

Aproveitei o intervalo do almoço para conversar com os Caciques e Lideranças das demais aldeias ali presentes.

Terminando o almoço. Sapo Tembé providenciou o chibé coletivo. Num desses tachos onde se prepara a merenda escolar. Para servir a sobremesa foram usadas duas cuihas pintadas de preto por dentro e decoradas com desenhos por fora. A cuia era linda e passava de mão em mão e de boca em boca. O chibé delicioso. Bebi várias cuiadas.

As discussões na Ramada recomeçaram. Desta vez a coordenação dos trabalhos coube a Jacinto Tembé, um indígena muito inteligente e perspicaz, com autoridade de quem sabe o que faz. Juscelino Bessa retomou a palavra e voltou a falar sobre a formação de uma Associação Indígena. Disse que a FUNAI tinha uma proposta a apresentar para a Assembleia.

A proposta da FUNAI trazia uma inovação em relação a todas as Associações Indígenas que já haviam sido fundadas na TIARG. Propunha uma direção colegiada e não um presidente com a sua diretoria. Teria três coordenadores gerais que poderia ser um de cada aldeia polo (CAJUEIRO, TEKOHAW e CANINDÉ) e ainda coordenadores por áreas prioritárias elencadas pelos Tembés. Os coordenadores de área seriam representantes das aldeias menores não contempladas na coordenação geral.

Jacinto Tembé pede que todos os participantes da Assembleia ouçam atentamente, pensem, perguntem o que não entenderam e se posicionem concordando, discordando ou fazendo outras propostas ao autor, Juscelino Bessa.

Sibá Tembé levanta e pede a palavra. Diz que ele, e fala somente por ele, concorda com a proposta da FUNAI, mas quer que a comunidade se manifeste a respeito daquilo que estão a tratar. A Assembleia deve se manifestar se acha bom ou ruim aquilo que nesse momento está sendo proposto para os Tembé.

Valdeci Tembé diz que a proposta da FUNAI é boa, mas, só funcionará se os membros a serem eleitos receberem treinamento para que possam desempenhar suas funções.

Reginaldo Tembé quer saber se a proposta do colegiado define que quando tiver um assunto a ser resolvido ou documento a ser assinado deve ser sempre pelos três coordenadores gerais ou um deles pode assinar sozinho?

Claudionor Dias comenta que a Associação terá de ter um Estatuto e um Regimento Interno para que possa funcionar e todas essas questões serão contempladas quando essas discussões estivessem acontecendo. A definição do funcionamento seria feita pelos Tembé na Assembleia. Propõe que as aldeias menores poderiam ficar coma as coordenações de educação, saúde e setor produtivo. Acrescenta como proposta que cada aldeia poderia eleger e teria um coordenador por aldeia ou por área de influência

Sibá Tembé quer que a escolha dos coordenadores seja feita logo agora durante essa Assembleia. Diz que se for esperar que cada uma das aldeias faça a sua escolha, não resolve o problema. Se for deixar para depois a escolha, daqui a um ano estarão todos a discutir a mesma coisa e nada foi feito. Para resolver terão de fazer a escolha dos coordenadores agora.

Creuza Tembé da aldeia CANINDÉ também quer decidir a escolha agora. Reivindica o acompanhamento permanente dos membros das coordenações da Associação pela FUNAI. Pede que seja feita a escolha e que nesse momento se esqueça a política praticada entre os grupos locais de indígenas.

Ainda antes do almoço chega a aldeia TEKOHAW a Doutora Eneida Assis, antropóloga da UFPA com a equipe do IPHAN. Almoça e por volta das quatro horas da tarde pede lhe seja concedida a palavra para que ela possa explicar o projeto do

IPHAN que a levou até ali. Diz que nesse momento não poderá prosseguir com a pesquisa em razão da Assembleia que estava ocorrendo e por ser o tema de importância vital para os Tembé, suspenderia as suas ações e voltaria em um outro momento para dar continuidade ao processo já iniciado que era o levantamento do patrimônio cultural e imaterial dos Tembé. Despediu-se e falou que voltaria pelo Rio Gurupi para a aldeia CAJUEIRO e na manhã seguinte retornaria para Belém.

Eu havia chegado desta vez a TIARG no Gurupi como integrante da equipe do IPHAN. Fui a aldeia TEKOHAW com a equipe da FUNAI para acompanhar as discussões desse dia. Iria retornar para a aldeia CAJUEIRO com a equipe do IPHAN com a qual eu viajaria de volta para Paragominas.

Desliguei meus equipamentos e comecei a despedir-me das pessoas ali presentes. De repente Sérgio Muxi Tembé, que havia concordado que eu filmasse o evento levantou-se e falou em alto e bom som para que toda a Assembleia ouvisse **que eu não iria sair da aldeia TEKOHAW**. Se eu pedi para filmar e houve a concordância da Assembleia eu teria que ficar até o fim dos trabalhos. Ele não permitiria de maneira alguma que eu fosse embora quando ainda estivesse acontecendo a reunião. Argumentei que não tinha trazido rede nem outras coisas que precisaria para ali ficar. Sérgio Muxi Tembé me disse que eu não dormiria no chão que não me preocupasse que ele arrumaria as coisas que eu precisasse. Concordei com os seus argumentos fortes e disse para a Assembleia que eu ficaria. Todos da Assembleia estavam rindo prazerosamente com o desenrolar daquele diálogo e do convencimento feito a mim pelo mais forte dos guerreiros Tembé do Gurupi.

No início **me senti como um refém dos Tembé**, proibido de me ausentar da aldeia TEKOHAW. Hoje devo e quero agradecer de todas as formas possíveis a Sérgio Muxi Tembé por ter obrigado a minha permanência na Assembleia do Povo Tembé do Gurupi por que acompanhei o nascimento da Associação dos Tembé do Gurupi que norteará toda a discussão e venda de créditos de carbono das florestas da TIARG, primeiro movimento verdadeiramente organizado e discutido coletivamente da venda dos serviços de carbono por uma população indígena do Estado do Pará.

Seis horas da tarde o jantar começou a ser servido. Da mesma maneira. As mesas dispostas no salão receberam os pratos feitos e os participantes se fartaram de tanto comer peixe cozido com arroz, feijão e farinha. Procurei de novo minhas amigas da cozinha e recebi um prato feito a meu modo: arroz, um pouco de feijão e peixe-frito que havia sido pescado e salgado no dia anterior. De sabor inigualável.

Enquanto anoitecia e procurávamos um lugar para tomar banho e dormir, uma equipe local tratava de puxar fios elétricos de um poste para a Ramada. Como não há energia elétrica direta na aldeia TEKOHAW, um gerador movido a óleo diesel forneceria energia para a aldeia e para a Ramada. A reunião noturna ia requerer luz elétrica para iluminar o local e para a utilização do notebook do Claudionor Dias e do data show da escola Municipal de Ensino Fundamental Verônica Tembé da aldeia TEKOHAW. Quem poderia imaginar que em uma aldeia indígena situada às margens do Rio Gurupi haveríamos de encontrar uma escola com data show?

Começava a chover uma chuvinha fina. Escureceu rápido. A técnica em enfermagem Valéria nos permitiu que usássemos o banheiro do posto de saúde para que tomássemos o nosso tão merecido banho. Minha toalha de banho havia ficado na aldeia CAJUEIRO. Também não tinha levado a escova de dentes nem pasta dental. Por acaso levei de reserva uma bermuda e uma camiseta branca. Após o banho enxuguei-me com a camisa que estive usando por todo aquele dia. Valéria permitiu que dormíssemos naquela noite no posto de saúde. Pois, logo que saímos do banho, chovia e ventava forte, uma árvore de ipê que estava plantada ao lado da casa de apoio da FUNAI na aldeia TEKOHAW foi arrancada pelo vendaval e caiu, por pouco não destruindo a casa de apoio. A proposta inicial era dormirmos na casa de apoio. Depois desse episódio mudamos completamente de ideia e concordamos em dormir no posto de saúde. Além do mais a casa de apoio estava ainda por ser concluída. O banheiro não estava terminado e não tínhamos luz de qualquer tipo.

Na Ramada um quadro de giz verde foi usado como tela para as imagens que seriam projetadas pelo data show a partir do notebook do Claudionor Dias. Os equipamentos foram ligados depois de muito custo. E ali estávamos nós e os Tembé

a discutir o Estatuto da Associação a ser criada. A FUNAI apresentou um modelo. Seria projetado o texto e discutido com a Assembleia. Se houvesse mudanças se acrescentariam ou suprimiriam do texto modelo. Após a aprovação das modificações pela Assembleia se avançaria para o item seguinte. E assim procedemos até um pouco mais da meia-noite. Aos poucos os participantes iam ficando com sono e saiam para procurar suas redes de dormir. Paramos os trabalhos nas altas horas da noite. Ainda chovia. Desligamos os equipamentos e seguimos para dormir no posto de saúde. Sérgio Muxi Tembé mandou uma rede nova, limpa e cheirosa para que eu pudesse dormir. Foi cumprido o trato. Deitamos e dormimos imediatamente.

No dia 01 de fevereiro de 2010 fomos tomar o café da manhã na Ramada com os participantes da Assembleia. Café com bolachas.

As discussões seriam referentes aos créditos de carbono. Jacinto Tembé continua no comando e passa a palavra para o coordenador regional da FUNAI, Juscelino Bessa que começa falando sobre a área inicialmente pensada para localizar o projeto referente a venda de créditos de carbono na TIARG e que a região compreendida entre os Rios Coari Paraná e Piriá ampliaria em cerca de 30% a área total.

Sérgio Muxi Tembé mostrou-se seriamente preocupado com a vigilância da área em questão. Essa região é frequentemente invadida por madeireiros, pescadores clandestinos e colonos que vivem nas proximidades, dentro ou fora da TIARG. Afirmam com base nas informações de políticos das cidades próximas, notadamente da cidade de Garrafão do Norte, que as terras além do Rio Coari Paraná não pertencem aos Tembé e sim aos colonos. Que poucas pessoas das aldeias conhecem a região. O acesso pela floresta é muito difícil. Teriam de fazer percurso de voadeira e depois a pé para que pudessem realizar com sucesso a vigilância. Também afirmou para a Assembleia que tem dificuldades para entender essa coisa do sequestro de carbono, que precisa de melhores explicações e de informações. Também disse que para acreditar nessa história teria de ver o primeiro pagamento dos tais créditos.

Juscelino Bessa resolve então historiar para os Tembés os fatos anteriores a esse momento, daquilo que na época se referia a sequestro de carbono. Começou em 2006 com uma senhora de nome Junéia, que foi a primeira a falar sobre a utilização da TIARG para a geração e a venda de créditos de carbono. Ela possuía levantamento da área feito por satélite, tinha estudos do solo realizados na terra indígena e através desses estudos estava propondo realizar um grande reflorestamento na TIARG, cujo sequestro de carbono realizado por essas áreas reflorestadas geraria créditos de carbono que seriam comercializados com entidades europeias. Essa proposta era de tal modo impressionante que na região do Rio Guamá, muitos indígenas deixaram de trabalhar, esperando o dinheiro da alegada venda dos créditos de carbono.

Juscelino Bessa continua a falar sobre a história recente dos Tembés e lembra que a senhora Junéia queria fazer com os indígenas um contrato de 30 anos e nesse período ela levaria alguns Tembés para a Alemanha. Nunca apresentou nenhum projeto e nem proposta de contrato. O projeto não se sustentava. A FUNAI não aceitou ser parceiro na proposta. E ainda no ano de 2006 uma reunião que aconteceu na sede do Ministério Público Federal levou à paralisação do projeto. Vários Tembés ficaram com muita raiva da FUNAI e a acusavam de ser responsável por continuarem pobres. O projeto da senhora Junéia prometia riqueza e a abundância para todos da TIARG.

Continua a falar Juscelino Bessa que agora a FUNAI é parceira desse novo projeto, acredita nessa nova ideia porque se cumpridas todas as fases do projeto e efetivada a venda dos créditos de carbono, os indígenas Tembés terão alguns recursos que não os levarão à riqueza, mas os farão viver com dignidade.

Juscelino Bessa começa a falar sobre a memória do novo projeto. Falou que o primeiro contato com a empresa C-Trade aconteceu no ano de 2007. E essa empresa começou sua entrada no Pará a convite do Governo do Estado, através de um organismo de relações que naquele momento era mantido pelo governo, atualmente não mais existe. Como as negociações com o Governo do Estado Pará não prosperaram a FUNAI os chamou para conhecer suas propostas de venda de

carbono e viu nesse processo a seriedade necessária para desenvolver uma parceria com povos indígenas na sua área de abrangência.

Continuando a palavra com Juscelino Bessa, ele acrescenta que a proposta agora era diferente, não se tratava de sequestro de carbono que gerava créditos vindos de áreas reflorestadas e era uma das propostas de mitigação dos gases de efeito estufa surgidas em uma cidade japonesa de nome Kyoto e que por isso esse assunto pertencia ao que se chamou Protocolo de Kyoto. O que se discutia agora com a C-Trade e os Tembé era algo completamente diferente que não se tratava de reflorestamento e sim de um outro processo que desta vez envolveria a conservação das florestas dos Tembé em pé. Esse mecanismo se chamava de Desmatamento Evitado ou Redução de Emissões por Desmatamento e Degradação que tinha a sigla REDD. E que, portanto os indígenas não estavam sequestrando carbono e sim estocando carbono em suas florestas primárias para gerar e vender créditos de carbono. Seriam pagos para não mais desmatar. Se continuassem a vender a madeira estariam diminuindo as áreas com potencial de armazenamento e com isso diminuindo os recursos que poderiam entrar e financiar projetos de desenvolvimento para a TIARG.

Juscelino Bessa explica para a Assembleia que com a C-Trade só existe contrato para as pesquisas que podem levar a informações que possam gerar os créditos de carbono nas áreas destinadas a preservação da floresta. E que tais pesquisas devem começar imediatamente, o representante e o técnico da C-Trade já estiveram na área e inclusive o técnico já marcou a data de entrada na TIARG e que queria o nome de alguns indígenas que poderiam acompanhá-lo como mateiros e auxiliares.

Juscelino Bessa complementa dizendo que as áreas inicialmente pensadas para a destinação do projeto de desmatamento evitado seriam aquelas onde os Tembé já exercem na plenitude a Reserva de Domínio e que seriam capazes de protegê-la. Por exemplo, a área compreendida entre o Rio Guamá e o Rio Coaraci Paraná estimada em cerca de 70.000 hectares estava invadida e quase toda devastada inclusive nessa área se incluía a fazenda Mejer que o STJ deu ganho de causa aos

Tembé, seria de difícil inclusão pelo motivo do desmatamento e o domínio não ser plenamente exercido pelos indígenas.

Falou também Juscelino Bessa que os Tembé teriam que aprender a lidar com o mercado de carbono. O mercado pode apresentar preços flutuantes isto é, podem subir e também podem baixar e se o preço estiver baixo é necessário aumentar a área para gerar mais créditos para equilibrar a receita.

Sobre o reflorestamento na região do Rio Guamá, Juscelino Bessa informa aos participantes da Assembleia que é a proposta que está mais certa de se concretizar, pois, a Companhia Siderúrgica do Pará (COSIPAR) foi obrigada pela justiça a realizar reflorestamento sob o risco de ser fechada caso não cumprisse a determinação. E a partir da observação da área feita em um sobrevoo de helicóptero, a coordenação regional da FUNAI decidiu levar a opção de reflorestamento para a região do Rio Guamá e a proposta de vender créditos de carbono oriundos do desmatamento evitado seria concretizada na região do Rio Gurupi. Lembrou que na aldeia TEKOHAW já se encontravam estocadas mudas de madeiras de lei que poderiam ser aproveitadas no reflorestamento da Região do Rio Guamá.

Juscelino Bessa fala que os entendimentos para escolher a área dos Tembé para o projeto com a C-Trade veio quando realizou reunião com uma ONG denominada Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPE) que fez uma projeção de toneladas de carbono estocadas em áreas indígenas e indicou que a TIARG era a terceira área estudada com maior potencial gerador de créditos e que a área indígena com maior potencial gerador de créditos de carbono por desmatamento evitado podia ser vista ali do outro lado do Rio Gurupi, a Terra Indígena Alto Turiaçu. Juscelino Bessa afirmou também que já há outras empresas interessadas em explorar esse potencial gerador de créditos de carbono nas terras indígenas, e que os indígenas Wai-Wai já estavam iniciando as conversações para que sua reserva também fosse incluída em um projeto com a C-Trade.

Os Tembé passaram a referir-se ao assunto como **“PROJETO DE CARBONO INDIGENA”** e criaram um nome na sua língua que ficou assim **“KA’A XIMORER”**

alguma coisa como “a fumaça que sai do mato”, pois era dessa maneira que eles estavam entendendo o carbono estocado. E para cuidar desse assunto criariam uma “ASSOCIAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO GURUPI” com a sigla **APIGU** que em Tembé seria escrito: “ZANE YWY KA’A XIMORER”.

Para cuidar dessas áreas destinadas à preservação, Juscelino Bessa levantou a questão de vigilância para manter a área demarcada intocada, quer por indígenas ou por não indígenas de fora da TIARG. Disse que era preciso criar algo como agente Guarda Parque que poderiam ser custeados com recursos advindos da venda dos créditos. Era necessário lembrar que a FUNAI não tem poder de polícia como tem a Polícia Federal (PF) e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Esses dois órgãos podem prender, a FUNAI não, pode apenas realizar uma vigilância informal, faz a retenção e espera a polícia para que efetue a prisão. Lembrou que o Fundo Amazônia poderia financiar a formação dos Guarda Parque.

O Projeto de Carbono Indígena (PCI), de acordo com Juscelino Bessa, poderia levar a possibilidade de construção de uma autonomia para os indígenas e que o problema maior seria o de gestão dos recursos que fossem captados. Sugeriu ainda que os recursos pudessem ser aproveitados para: a) a equivalência da **Bolsa Floresta** ao salário mínimo nacional; b) universalização da **Bolsa Floresta** para toda a TIARG e c) manter a floresta em pé através da vigilância constante. Os Guarda Parque seriam equipados, capacitados e remunerados pelos recursos provenientes do Projeto de Carbono Indígena.

Reginaldo Tembé afirma que todos os Tembé querem ver a floresta em pé. Preservar não é bom somente para os indígenas e sim para todo mundo. Porque dentro da floresta preservada outros organismos também vão estar presentes. Acredita que os recursos gerados pelo desmatamento evitado devem ser usados para resolver problemas de ordem geral e que os recursos para manter e treinar os Guarda Parque devem ser obtidos por outras formas. Quer que tudo seja muito claro e questiona porque os Tembé têm de pagar pelos estudos feitos pela empresa C-Trade? Não faz parte dos riscos da empresa esses investimentos iniciais?

Juscelino Bessa responde que a FUNAI não tem dinheiro para bancar os custos da pesquisa. Aproximadamente R\$100.000,00 (cem mil reais). E que não se poderia garantir a qualidade do serviço a ser prestado, pois se o governo tivesse que financiar os custos, fatalmente teria de fazer uma licitação e poderia encarecer e demorar muito porque os prazos regimentais teriam de ser cumpridos. A empresa C-Trade concordou em bancar os custos iniciais dos estudos e se mais tarde os resultados fossem satisfatórios os custos seriam deduzidos. A Coordenação Regional da FUNAI aceitou as condições. Essa é uma experiência piloto do modelo. E que com certeza o Projeto de Carbono Indígena é de longe a forma mais ousada de começar as atividades que envolvem o Desmatamento Evitado ou REDD no Brasil. E ele começará pela Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG) mais especificamente na Região do Rio Gurupi, terra dos índios Tembé.

Juscelino Bessa ainda acrescentou que o contrato de venda de créditos de carbono gerados através do Projeto de Carbono Indígena será assinado entre a FUNAI, a C-Trade e será acompanhado pelo Ministério Público Federal que está ao lado dos indígenas. E é bom lembrar que o contrato ainda não foi definido. Será discutido, negociado e assinado. Por isso se faz necessário criar e regularizar a Associação dos Povos Indígenas do Gurupi (APIGU) para que ela legalmente represente os Tembé nessa negociação. Por isso os termos do contrato, as despesas decorrentes do processo de pesquisa e execução, a tributação e forma como os recursos serão usados devem ser discutidos, esclarecidos e informados a toda a comunidade beneficiária residente na TIARG. Tudo tem de ficar muito claro para os participantes do projeto.

Valdeci Tembé faz um exercício para tentar chegar a um valor de quanto seria necessário para remunerar 30 Guardas Parque, sendo que 10 deles fariam as patrulhas fluviais e 20 atuariam na vigilância por terra. Chegou a um valor de R\$216.000,00 (duzentos e dezesseis mil reais). Poderiam ser financiados pela empresa C-Trade ou por outras fontes. Levanta também a possibilidade de que os fazendeiros da região, que desmataram suas terras acima daquilo que hoje a lei exige, poderiam pagar para os Tembé por preservarem a sua floresta, ou ainda

poderiam obter uma licença para desmatar e pagariam aos Tembé por manterem suas florestas em pé.

Sérgio Muxi Tembé diz que é preciso pensar na logística para a vigilância do território da TIARG e isso envolveria combustível para abastecer as voadeiras, as motos e os carros que fossem usados para tal fim.

Juscelino Bessa esclarece em relação a fala de Valdeci Tembé, diz que a FUNAI não tem recursos financeiros para pagar os Guarda Parque, teriam que procurar outras fontes. E que na Amazônia quem usar a terra tem de observar a reserva legal que é de 80%, pode desmatar apenas 20% das florestas de sua área, só que isso não inclui as terras indígenas. Os indígenas não são proprietários da terra onde vivem, não podem vender, apenas possuem o usufruto da área. Portanto a terra indígena não pode ser incluída nesse processo de compensação por não desmatar. Talvez a forma de compensação que poderia ser paga por fazendeiros ou pelo poder público seja através da prestação de serviços ambientais.

Jacinto Tembé fala a respeito dos indígenas que deverão acompanhar a equipe da empresa C-Trade que farão a delimitação da área e os estudos para medir o carbono. Para ele a Assembleia teria que escolher quem vai acompanhar a equipe. Tem que falar os nomes para que todos ali possam saber quem vai e depois não haver problemas.

Foi informado para a Assembleia que o técnico Jorge da C-Trade precisará de três ou quatro pessoas que devem ser mateiros e ajudantes. Pagará diária entre R\$20,00 (vinte) e R\$30,00 (trinta) reais.

Reginaldo Tembé propõe que seja determinada pela Assembleia a área no mapa da TIARG a ser pesquisada e os nomes das pessoas que acompanharão o técnico da empresa C-Trade. De acordo com ele as pessoas da TIARG já devem estar preparados quando o técnico chegar.

Sérgio Muxi Tembé quer saber do Coordenador Regional da FUNAI onde estão os tratores que foram apreendidos na TIARG. Juscelino Bessa diz que os mesmos estão em poder da Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA).

Jacinto Tembé fala para a Assembleia que o grupo de Tembé que vai para a floresta com o técnico Jorge em sua opinião já constitui o início da fiscalização, o começo da formação dos Guarda-Parque.

Reginaldo Tembé quer que uma vaga de mateiro seja reservada para uma pessoa da aldeia CAJUEIRO. Também acha necessário definir na Assembleia a área que vai ser reservada para as pesquisas. Acredita que pode ser além do Rio Coaraci Paraná.

Valdeci Tembé quer que a Assembleia defina 12 pessoas para acompanharem o técnico e diz que essas pessoas podem ser pagas pelo PROJETO TENETEHARA. Que após a definição da área pela Assembleia e uma vez terminados os estudos pelo técnico, a vigilância tem de atuar para que a mesma não seja alterada e diminua a quantidade de carbono calculada.

Valdeci Tembé sugere que a área seja definida através de um sobrevoo na TIARG.

Claudionor Dias fala que o sobrevoo também será usado para conferir na floresta os pontos que forem definidos por GPS.

Sérgio Muxi Tembé diz que os invasores reafirmam que a terra dos indígenas está situada entre os Rios Coaraci Paraná e Gurupi, para fora dessa área é dos colonos. Tudo isso é incentivado pelos políticos, afirma.

Juscelino Bessa diz que o levantamento dos 69.000 hectares e de todas as partes que ficam para além do Rio Coaraci Paraná devem ser feitos e se possível incorporar a área de estudo e de desmatamento evitado. E o assunto sobre o Projeto de Carbono Indígena foi encerrado.

EDUCAÇÃO INDÍGENA

Txina'i Tembé o professor de língua Tembé da aldeia TEKOHAW conduziu a discussão sobre educação indígena. Abriu os trabalhos pedindo a manifestação da Assembleia a respeito daquele assunto em pauta.

Reginaldo Tembé afirmou que a educação indígena não existe. É oferecida como uma educação normal, aquela que é ensinada na escola dos brancos. É amparada pela Prefeitura de Paragominas e se não está muito bem também não está tão ruim. Quer que se fale ao mesmo tempo de Educação e de Cultura indígena e não como assuntos separados. Referindo-se a sua aldeia CAJUEIRO que tem a Escola de Ensino Fundamental e Médio Maria Francisca Tembé, e é a única que tem ensino médio na região do Alto Rio Gurupi, conta com uma turma de primeira série do ensino médio, diz que (1) falta capacitação aos professores que lá trabalham, (2) falta mais conhecimento, (3) falta saber ensinar melhor e ainda (4) não tem professor indígena fixo na aldeia, pois os que para ali são deslocados não podem ficar devido a problemas com a família e isso agrava a situação da Secretaria Municipal de Educação de Paragominas que enfrenta enormes problemas para a contratação de professores para atuarem nas aldeias.

Reginaldo Tembé continua a falar sobre a escola na sua aldeia e como estão presentes na Assembleia alguns professores que atuam nas escolas nas aldeias, pede que eles mesmos se manifestem sobre a contratação e os seus problemas. Sobre a merenda escolar diz que não falta muito e que o que é mandado pela SEMEC de Paragominas não é das melhores e poderia ser algo que os estudantes gostassem mais. Afirma que existe supervisão por parte do setor de Educação Indígena da SEMEC de Paragominas pelo Professor Jairo, cujas visitas variam: pode vir duas vezes por mês, às vezes demora mais de dois meses. Mesmo sendo novato na função Jairo é mais habilidoso e faz as coisas acontecerem. É bem melhor do que a pessoa que ocupava a função anteriormente.

Sérgio Muxi Tembé fala pela aldeia TEKOHAW que abriga a Escola Municipal de Ensino Fundamental Verônika Tembé. Inicia dizendo que a educação deixa a

desejar na sua aldeia e que não existe um trabalho voltado para as comunidades indígenas e que a escola que ali existe funciona do mesmo modo como funciona uma escola Municipal de Ensino Fundamental em um assentamento de colonos. É uma escola de terceira categoria. Que no ano de 2009 poucas aulas foram dadas aos alunos e que os professores não indígenas passaram mais tempo em Paragominas do que na aldeia. Para não chegarem à aldeia e não ministrarem as aulas os professores apresentavam como desculpa a cheia do rio. O rio encheu, mas as salas de aula não estavam dentro d'água. As pessoas da aldeia também querem aprender a ler e a escrever.

Seguindo na sua fala, Sérgio Muxi Tembê disse que os professores indígenas da sua aldeia seguiam o mesmo comportamento dos professores não indígenas, só dariam aulas se os de fora dessem. É preciso conversar com todos os professores para mudar essa situação. A escola da aldeia TEKOHAW não tem ensino médio e como desculpa para não tê-lo, também é usado o fato de que a aldeia não tem luz elétrica para que os professores usem os equipamentos. Eles não podem ministrar aulas sem esses equipamentos. Talvez o que falte mesmo é qualificação. A verdade é que a educação deixou a desejar.



Escola Verônica Tembê na aldeia TEKOHAW

Para Sérgio Muxi Tembê a educação tem de servir: para melhorar as condições de vida das pessoas; aprender a defender a floresta; respeitar os amigos; a preservar e praticar a sua cultura; cultivar os seus antepassados e aprender a ter saúde pela prevenção. Talvez isso seja uma educação diferenciada para o povo

indígena. Continua a falar e afirma que o Estado manda o que quer mandar e não aquilo que o índio precisa. Não favorece o desenvolvimento e a educação indígena e que dessa forma não há diferença entre uma escola da CAIP (assentamento de colonos) para a escola da aldeia TEKORAW. Os alunos têm de aprender. Os alunos

são aprovados sem nada saber. Um deles contou-lhe que foi aprovado pelo professor mesmo ele não sabendo nada e tinha consciência de que se fosse estudar lá fora, em Paragominas, teria dificuldades enormes e tinha certeza de que não acompanharia a turma para a qual havia sido aprovado. Mesmo assim o professor o aprovou.

Sobre cultura indígena Sérgio Muxi Tembê gostaria de ver a adaptação curricular para contemplar as atividades da aldeia no que refere caçar, pescar e ir à roça, por exemplo. Isso seria adaptar a escola à vida na aldeia. Talvez isso fosse um



Capela mortuária de Paragominas

diferencial que faria a escola ser diferente. Mas mesmo com todas essas ideias, ele quer embargar a escola da aldeia. Sua mãe Verônica Tembê, que dá o nome à escola descobriu que **a capela mortuária de Paragominas tem o mesmo formato das salas de aula da escola de TEKOHAW.** Como? Para que serve? Para botar mortos? Não deve continuar. As crianças da aldeia não vão mais

para sala de aula onde se põem mortos. É preciso derrubar a escola e reformar, fazer outra, mudar a sua forma física deixar de ser capela mortuária.

Carlos Ka'apor, professor indígena e de língua Ka'apor na aldeia SÍTIO NOVO situada do outro lado do Rio Gurupi, portanto pertencente à Terra Indígena Alto Turiaçu classifica a Escola Municipal de Ensino Fundamental ainda mantida pela Prefeitura de Paragominas na qual trabalha como apresentando pontos positivos e negativos. Como ponto positivo cita o fato de a escola da sua aldeia possuir professores indígenas e não indígenas, a merenda escolar vem, mas não é diferenciada, é igual àquela que é distribuída para as escolas da zona rural de Paragominas. O material didático existe para todos os alunos, porém não é diferenciado. Como fatos totalmente negativos, enumera: 1) a não organização dos

professores; 2) não fazem planejamento conjunto; 3) não há um calendário semestral ou anual que contemple a vida da aldeia.

Carlos Ka'apor denuncia para a Assembleia que as escolas que ficam no lado do Maranhão e que são mantidas pela Prefeitura de Paragominas estão ameaçadas de serem fechadas, pois serão cortadas da relação da SEMEC. Critica o fato de que somente têm direito ao transporte terrestre para virem de Paragominas até a aldeia CAJUEIRO os professores não indígenas. Os professores indígenas quando vão a Paragominas receber seus salários ou quando voltam para suas aldeias não tem o direito de receberem transporte via SEMEC. Alegam que a Secretaria de Educação tem uma quilometragem estabelecida para rodar durante o mês e que deve atender a todas as aldeias sob sua jurisdição. Afirma ainda que a discriminação não para por aí, pois, a carga horária de um professor não indígena é de 200 (duzentas) horas enquanto que, pelo mesmo trabalho um professor indígena recebe o equivalente a apenas 100 (cem) horas. Por essas razões pede apoio à FUNAI, para que forneça o combustível para que os professores indígenas e não indígenas possam se deslocar para a aldeia polo e dessa forma realizarem o planejamento conjunto, uma primeira forma de estabelecerem atividades conjuntas que possam contemplar a vida nas aldeias.

O professor Carlos Ka'apor tem capacitação como professor indígena e afirma que não existe na sua aldeia uma educação indígena. Reivindica que seja criado um Curso para a Educação Indígena e que seja ministrado na língua Ka'apor, pois tudo que aprendeu até agora nos cursos de capacitação foi em português. Quer que os professores das aldeias construam os seus próprios Projetos Pedagógicos. E para ensinar a língua Ka'apor para seus alunos ele mesmo prepara o material e distribui em forma de apostilas, pagos do seu próprio bolso já que a Prefeitura de Paragominas alega não ter recursos financeiros para bancar esse material. E conclui afirmando taxativamente que ele não quer o conteúdo dos brancos.

Pela Escola Municipal de Ensino Fundamental da aldeia CANINDÉ, fala o Cacique Quirino Tembé. Diz que o professor indígena na aldeia é seu irmão Jailton Tembé que está ausente porque viajou para participar uma atividade de planejamento em

Belém e que por isso não tem muitas informações. Afirma que o professor Jailton Tembé não conhece muito bem a língua Tembé e que deveria ser aluno do professor Txina'i Tembé da aldeia TEKOHAW para aprender mais e ensinar aos alunos da aldeia CANINDÉ. Comunica para que a Assembleia tome conhecimento que na sua aldeia os professores não indígenas ministram três (três) dias de aula enquanto que os professores indígenas ministram 2 (duas) aulas durante a semana. Acha que isso não está certo.

Pela aldeia BATE VENTO fala Diego Tembé, Liderança da aldeia. Disse que na aldeia não há escola. Os alunos têm que se deslocar para aldeia CANINDÉ para receberem aula. O deslocamento é feito pelo Rio Gurupi utilizando as embarcações tipo voadeiras ou rabetas. Contou que no ano de 2009 cursava a oitava série do ensino fundamental na escola Municipal da aldeia CANINDÉ. O motor do seu pequeno barco que presta serviços para a educação e para a saúde, quebrou. A SEMEC recusou-se a consertar, disse que não dispunha de recursos financeiros para tal. Diego Tembé não teve dinheiro para consertar o motor do seu barco e por isso, só por isso, não concluiu a oitava série, perdeu o ano letivo.

Diego Tembé elaborou um documento para mandar para a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) solicitando para as aldeias SUÇUARANA, FLORIANO e BATE VENTO um barco a motor para cada uma das aldeias para ser usado no transporte de estudantes para as escolas nas aldeias polo. Fica preocupado com a situação das outras crianças mais pequenas que precisam estudar e não têm como se deslocar para as escolas. O documento enviado até a presente data não havia sido respondido.

Jacinto Tembé de 48 anos de idade contou sua trajetória de estudante para a Assembleia. Disse que estudou na escola da aldeia CANINDÉ. Não concluiu a quarta série do primeiro grau. Era muito difícil estudar, tinha que se deslocar por vários quilômetros até a escola. Decidiu não querer mais estudar e parou aos dezoito anos. Resolveu voltar a estudar aos 46 (quarenta e seis) anos na escola da aldeia TEKOHAW. O professor quis saber qual era a série que ele ia estudar. Falou que não tinha série, parou na quarta e queria voltar, no máximo na quarta série.

Começou a estudar e copiar tudo muito rápido. Fazia as tarefas com agilidade e precisão. Foi quando notou que estava atrapalhando os seus colegas de aula. Pois os outros alunos não tinham o mesmo desempenho que ele. O professor então propôs a Jacinto Tembé a sua transferência direta para a oitava série. O mesmo não aceitou. Falou que não tinha o saber necessário para cursar a oitava série, precisava cursar antes as séries que estavam faltando. O professor insistiu. Jacinto Tembé parou de estudar pela segunda vez.

Sapo Tembé pede a palavra e fala para a Assembleia. Diz que participa do curso de formação de professores na cidade de Capitão Poço. Afirma que cada caso é um caso único e que na sua visão a educação é ponto básico para a saúde e para tudo na vida. Fala que a educação indígena tem de ser acompanhada no seu conjunto. E que é preciso dar início às ações para que se possa aos poucos melhorar. Com propriedade afirma que os brancos que aqui trabalham não estão capacitados para trabalhar nas aldeias. Não levam em conta a cultura nem as tradições indígenas. Contou que a SEDUC não aceitou o certificado de ensino fundamental obtido na escola da sua aldeia. Teve de se submeter a novos exames e ser aprovado. Tem agora dois certificados de conclusão do ensino fundamental. Aquele tirado pelos exames dos brancos vale. O que foi obtido na escola da aldeia indígena não tem qualquer valor.

Valdeci Tembé quer falar para a Assembleia sobre sua trajetória estudantil. Diz que morava na aldeia Timbira BANHA, no Maranhão, e que remava de duas a três horas na sua canoa para chegar até a escola da aldeia CANINDÉ. Às vezes demorava mais tempo porque ficava tomando banho nas praias do Rio Gurupi. Atualmente mora na aldeia SUÇUARANA e conta que neste ano de 2009 a água subiu tanto que levou a escola de sua aldeia. E agora? Quem vai consertar ou fazer outra? A SEMEC não se manifestou e eles construíram algo que mais parece um galinheiro. É ali que a escola funciona. E por isso pergunta a todos os presentes, o que é o indígena?

Valdeci Tembé quer que a Assembleia acione o Ministério Público Federal para que este pressione a Prefeitura de Paragominas para que trate melhor os indígenas da

região do Rio Gurupi. Diz também que o Prefeito de Paragominas não quer fazer as estradas para as aldeias indígenas, não quer melhorar a saúde e abandonou a educação nas aldeias. Propõe que os Tembé se mobilizem. Façam suas pinturas de guerra e sigam para Belém para pressionar as autoridades.

Almoçamos após a conclusão dos trabalhos sobre educação. O almoço foi servido em pratos feitos (pf) na Ramada. Fui direto aos meus amigos na cozinha. Meu parto foi feito com peixe cozido, arroz e feijão. Desta vez Valdeci Tembé ofereceu-me jabuti que foi preparado direto no fogo. Comi parte do pescoço do jabuti e comi a farofa feita no seu próprio casco. Muito gostoso.



Posto de saúde e Escola na aldeia CANINDÉ

SAÚDE

Poluto Tembé é funcionário da FUNASA e atua na aldeia TEKOHAW. Lida com o rádio frequência no posto de saúde e pilota uma voadeira com capacidade para 12 pessoas que é empurrada por um motor de popa de 40 HP. E por ser da FUNASA e da saúde dirigia os trabalhos nessa tarde.

Poluto Tembé fala para a Assembleia que lida com os pacientes doentes, principalmente com aqueles que são encaminhados para a cidade de Paragominas. Isso acontece quando os agentes de saúde não resolvem o problema do paciente. Afirma que os indígenas não são tratados como deveriam ser. Talvez isso aconteça porque os profissionais de saúde que atuam na aldeia não saibam como fazer.

Sérgio Muxi Tembé fala que a educação dos indígenas é fundamental para que sua saúde seja melhorada. Os indígenas precisam ser melhor informados. E que aqui a saúde não é nem das melhores e nem das piores. E aproveita para denunciar que existem dois médicos contratados pela FUNASA para tratar dos indígenas, mas que, nunca estiveram em qualquer uma das aldeias.

Sibá Tembé afirma que a saúde era melhor quando foi cuidada pela FUNAI. E que no começo da atuação da FUNASA os serviços eram mais rápidos, eficientes e melhores. A aldeia CANINDÉ possuía um aeroporto e as equipes volantes vinham duas vezes por ano e ficavam mais de um ano nas aldeias e se fosse preciso remover alguém com problemas de saúde um avião imediatamente pousava na aldeia e levava o indígena para São Luiz do Maranhão ou para Belém. Todos os

Tembé moravam na aldeia CANINDÉ. Por mais que queira a FUNASA hoje não consegue fazer com os indígenas o que a FUNAI fazia na área da saúde.

O cacique Joãozinho Ka'apor diz que também achava melhor os serviços prestados na área da saúde no tempo da FUNAI e que na sua aldeia SÍTIO NOVO a saúde não vai bem, mas, também não vai mal.

Valdeci Tembé diz para os participantes da Assembleia que trabalha na FUNASA em Paragominas. Fala que a saúde só vai mudar quando os indígenas se juntarem e forem reivindicar os seus direitos. Lembrou que a primeira indígena Tembé a parir em um hospital de Paragominas foi a Neném do Raimundo Tembé. E a criança está aqui, não tem mais do que oito anos. Continua a falar e revela que a FUNASA possui uma casa que foi comprada na cidade de Paragominas. E ainda acrescenta que por determinação da Gestora do Polo da FUNASA em Paragominas a senhora de nome Vilmara, o veículo pertencente à instituição só pode viajar duas vezes por semana e nesses dois dias deve cobrir todas as ações nas aldeias dos povos indígenas sob a sua jurisdição: os Tembé, os Ka'apor e os Anembé. Para os Ka'apor atende as aldeias de SÍTIO NOVO, XIEP e BARREIRINHAS.

Valdeci Tembé também falou que a Gestora determinou que a casa de apoio ao indígena, a CASAI, de Paragominas só pode hospedar 15 pessoas. E o que fazer com os acompanhantes das pessoas doentes? Os acompanhantes não têm direito a comerem com os indígenas que estão hospedados na CASAI. Conta que uma tal Érica funcionária da FUNASA se negou a liberar comida para a acompanhante de uma idosa doente. Fala que a gestora teria de explicar e justificar essa diminuição dos recursos para que os indígenas pudessem justificar junto à FUNASA. Propõe uma revolução a ser feita pelos indígenas, deveriam marcar o dia e ir a Belém, pintados e visitar as instituições, reivindicando. Indignou-se quando comunicou que por ordem da gestora o carro da FUNASA estava proibido de levar indígenas para se tratar no pajé. E acrescentou que no final de semana teria de ficar um motorista de plantão e não fica. Sobra sempre para Valdeci Tembé.

Reginaldo Tembé afirma que esse é o momento de definir as mudanças.

Valdeci Temb  acredita que seria necessária a mudança e já está em processo de cria o uma Secretaria de Saúde do Indígena.

Jacinto Temb  quer acertar a data da ida a Belém para que possam fazer as reivindica es sobre a Saúde e sobre a FUNASA. Propõe que a comunidade tire uma comissão para ir a Belém. Querem apoio da FUNAI no transporte, comida e alojamento.

Jacinto Temb  afirmou em tom profético que a FUNASA cuida da saúde, a SEMEC cuida da educa o, enquanto a FUNAI cuida de tudo.

Juscelino Bessa diz que apoia as reivindica es e coloca   disposi o a van da FUNAI que pode levar 15 pessoas, de preferência aqueles que falam em público, que argumentam.

Aos indígenas presentes nesta Assembleia acreditam que 15 pessoas são muito pouco para serem visíveis e chamarem a aten o.

Reginaldo Temb  quer discutir mais para saber o que exatamente vão fazer em Belém. Quer a elabora o de um plano para que todos possam falar a mesma língua, ou seja, da mesma maneira. Propõem que fiquem mais um dia, só os indígenas para que possam definir entre si o que na verdade farão.

Claudionor Dias lembra que durante a semana do carnaval a cidade de Belém fica esvaziada e não teria efeito a ida deles nesse período.

Sérgio Muxi Temb  fala que os Temb  tem de ter uma posi o bem firme. V o decidir o que fazer. Que é preciso levar em conta a questão política, pois o secretário de saúde foi colocado ali pelo prefeito.

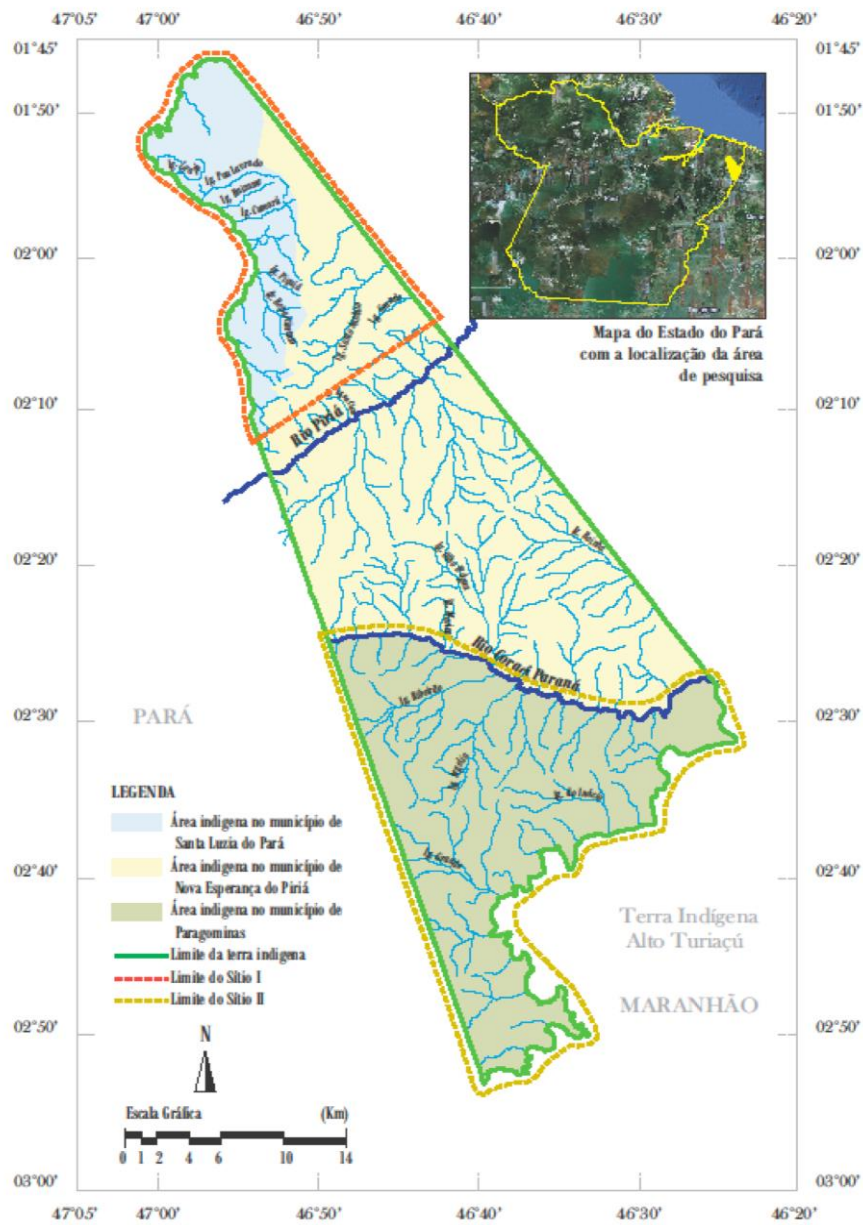
A partir desse momento a reunião dos Temb  na Aldeia TEKOHAW passou a ser feita na língua. Eles não queriam a presença de não  ndios.

Desmontamos nosso equipamento. Recolhemos nossas coisas e deixamos a ramada só para os Temb .

Fomos comprar artesanato em duas casas da aldeia. Nos despedimos e rumamos para a cidade de Paragominas.



Canhão na aldeia CANINDÉ



Mapa da Terra Indígena Alto Rio Guamá (TIARG).

Fonte: FUNAI/Coordenadoria Regional de Belém.



TIARG – Evidenciando o Rio Gurupi entre os estados do Pará e do Maranhão.

Fonte: FUNAI/Coordenadoria Regional de Belém.

